

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

MARILENA DREYFUSS ARMANDO

CALATONIA E RELIGIOSIDADE

UMA ABORDAGEM JUNGUIANA

PUC-SP

2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

MARILENA DREYFUSS ARMANDO

CALATONIA E RELIGIOSIDADE

UMA ABORDAGEM JUNGUIANA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof^a. Dra. Ceres Alves de Araújo.

PUC-SP

2006

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

A Pethö Sándor.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Ceres Alves de Araujo, pela orientação amiga e generosa, pelo apoio, pelo carinho, meus primeiros agradecimentos. Sem ela esse trabalho não teria sido realizado.

A João Bezinelli, amigo de tantos anos. Sem sua contribuição esse trabalho teria sido bem mais difícil.

À Luísa de Oliveira, amiga querida, pela companhia e cooperação nestes anos de estudos.

Aos onze participantes dessa pesquisa, pela contribuição valiosa e desinteressada.

À Agnes Göecze e à Maria Luiza Andrade Simões pelas entrevistas atenciosas e elucidativas sobre Pethö Sándor.

À Ana Maria Galvão Rios e Leda Perillo Seixas, amigas-irmãs, sempre presentes.

À Ricardo Alvarenga Hirata, pela participação carinhosa.

À Prof. Dra. Marília Ancona Lopes por sua atenção, disponibilidade e acolhimento, tão preciosos.

Ao Prof. Dr. José Salomão Schwartzman, pelos acréscimos tão valiosos, que contribuíram imensamente para este trabalho.

Aos professores do núcleo de estudos junguianos Dra. Denise Gimenez Ramos, Dra. Liliana Liviano Wahba, Dr. Durval Luiz de Faria, Dr. Alberto Pereira Lima Filho e Dra. Marion Rauscher Gallbach, pela dedicação.

À Ana Carolina Garcia, Dado Salem, Ligia Bonini, Lury Yoshikawa, Maria Lucia Ferreira, Maria Lygia Molineiro, Marcia Baptista, Marisa Penna, Reinalda da Matta, colegas que se tornaram amigos, pelas festas, pelos encontros, pela alegria e solidariedade nesta jornada.

E, finalmente, a Marco Antonio, pela paciência, pelo apoio, pelos fins de semana perdidos. É bom caminharmos juntos.

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo estudar a Calatonia, método de relaxamento desenvolvido por Pethö Sándor, como via de acesso para o contato com o numinoso. Foi relatada a vida de Pethö Sándor, assim como foi feita a descrição do método criado por ele, a Calatonia. Numinoso foi o termo escolhido por Carl Gustav Jung para designar o que ele entende por religiosidade, que é a experiência vivida e transformadora do contato com o arquétipo, um efeito dinâmico impactante e que independe da vontade. Para a realização deste estudo foi privilegiado como método de investigação e de interpretação a pesquisa qualitativa por centrar sua atenção na compreensão do fenômeno. Participaram desta pesquisa onze psicólogos com idades variando de 26 a 58 anos. Tomou-se por base as observações de duas participantes, observações essas que foram interpretadas à luz do método construtivo de Jung. Os dados obtidos foram analisados mediante o método fenomenológico de Forghieri. Concluiu-se que a Calatonia pode favorecer o contato com o numinoso, tendo-se percebido indícios desse contato em dois dos casos observados. É possível se deduzir que o rebaixamento da atividade do ego favorecido pela Calatonia possa promover o surgimento de imagens carregadas de numinosidade que, integradas a um ego estruturado, podem levar a uma transformação orientada para um reposicionamento favorável a uma mudança de atitude frente à vida.

Palavras chave: Calatonia, religiosidade, numinoso, Jung, Pethö Sándor.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate Calatonia, a method of relaxation developed by Pethö Sándor, as a means to contact the numinous. An account of Pethö Sándor's life was presented, as well as a description of the method which he created, namely Calatonia. Numinous is the term which Carl Gustav Jung chose to refer to what he understands as religiosity, which, according to him, is the transforming experience of contact with archetypes; a momentarily dynamic effect that does not depend on one's will. In order to develop this study, qualitative research was preferred as a method of investigation and interpretation once it focuses on the understanding of phenomena. Eleven psychologists, ranging from 26 to 58 years of age, participated in this research, which started off from the observations made by two participants. Such observations were interpreted in the light of Jung's constructive method, and the resulting data was analyzed through the application of Forghieri's method. It has been concluded that Calatonia may facilitate contact with the numinous, seeing that some evidence of this contact was detected in the two cases analyzed. It is possible to deduct thereof that the lowering of ego activity facilitated by Calatonia may promote the emergence of images charged with numinosity, which, once integrated to a structured ego, may lead to a transformation orientated to a repositioning which ultimately proves favorable to a change of attitude towards life.

Key words: Calatonia, religiosity, numinous, Jung, Pethö Sándor.

SUMÁRIO

<u>1 Introdução</u>	9
<u>2 Objetivo</u>	17
<u>3 Pethö Sándor</u>	18
<u>4 A Calatonia</u>	28
<u>5 O Numinoso</u>	43
<u>6 Método</u>	50
<u>7 Resultados e discussão</u>	60
<u>8 Considerações finais</u>	87
<u>Referências</u>	90

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar em psicoterapia em uma linha teórica fundamentada em Carl Gustav Jung tornou-se minha opção já no primeiro ano em que cursei a faculdade de psicologia, em 1973. Meu interesse em incluir a abordagem corporal em meu trabalho como psicoterapeuta ocorreu logo em seguida, muito em função do período em que vivíamos.

Era a época da contracultura, com sua estética rebelde, cujo lema maior era “liberdade”. Propunha uma volta à natureza, liberação sexual, liberdade do corpo. Trazia a mensagem de amor e paz propagada pelos hippies (“faça amor, não faça a guerra”), e a redescoberta do corpo como fonte de prazer. Houve uma retomada da terapia corporal proposta por Wilhelm Reich, com seu corpo-socialismo: o que mais se ouvia era o discurso autoritário da ditadura militar, e aos estudantes de psicologia era quase que obrigatória a leitura de seu livro “Escuta, Zé Ninguém” (1946). A libertação do corpo era um movimento político. Partindo de Reich, Alexander Lowen desenvolveu a Bioenergética, terapia alternativa cuja máxima era “expressar-se ou morrer”.

Em São Paulo quem melhor personificou esse movimento na psicologia foram Roberto Freire e Angelo Gaiarsa, que desenvolviam principalmente trabalhos grupais. Foi também a época do aparecimento de cursos sistematizados de Gestalt-Reich, como o do Instituto Sedes Sapientiae, criado em 1976, com nomes como o de Ana Verônica Mautner, Thérèse Tellegen, Bento Prado Jr. Antonio Carlos Godoy.

Fiz alguns cursos rápidos, passei por vivências corporais, mas foi só quando assisti a uma aula dada pelo professor Pethö Sándor na Faculdade Paulistana de Ciências e Letras é que me decidi sobre o tipo de abordagem corporal que incluiria em meu trabalho.

Sándor era médico e psicoterapeuta junguiano, e tal como Carl Gustav Jung, sua visão de mundo demonstrava uma afinidade com o Romantismo, filosofia que floresceu na Europa em fins do século XVIII, início do século XIX, e que exerceu forte influência no mundo ocidental, contagiando-o cultural e intelectualmente. Veio em oposição ao Iluminismo, o qual privilegiava o intelecto, a razão (Clarke, 1993). Na matriz romântica, em psicologia, a ênfase era dada à cultura do corpo, à sapiência da natureza.

Como Jung, Sándor questionava a hegemonia do racionalismo científico, ainda vigente em nossos dias. Seu trabalho caracterizava-se por aliar à teoria junguiana uma abordagem corporal que propunha o recondicionamento psicofisiológico, através de técnicas de relaxamento e toques sutis, que se constituíram num método de trabalho terapêutico desenvolvido por ele. Foi o criador da Calatonia.

Terminei o curso de Psicologia aos trinta e oito anos entrando, portanto, de acordo com Jung, na metanóia. Nessa etapa da vida faz-se necessária uma mudança no foco da energia, até então centrada no ego, em realizações materiais, posição social, casamento, maternidade, enfim, relações interpessoais ou externas. Esta é considerada por Jung a primeira etapa da vida. Na segunda, sempre de acordo com ele, é preciso um desapego ao ego e uma aproximação ao *Self*, ou Si-Mesmo, o centro total da personalidade. É necessário que se inclua a essa fase, para que haja uma relação de significado com o mundo, valores espirituais. E essa era uma questão, na época, bastante presente para mim.

No final de 1979, recém formada, tive a oportunidade me aproximar de Sándor e buscar nele o terapeuta que me ajudasse a resolver essas questões. Fui, então, aceita como sua paciente e também como participante de seus grupos de estudos, os quais freqüentei até seu falecimento, em janeiro de 1992.

Foi durante meu processo terapêutico que tive a consciência do que era contatar o que Jung chamava de “numinoso”, o contato intenso, fascinante, muitas vezes

atemorizante, com o mundo arquetípico. Vivenciei-o através de movimentos corporais, que começaram a aparecer, durante as sessões de Calatonia, após um ano de atendimento, levando-me a uma intensa experiência religiosa. Esses movimentos eram absolutamente espontâneos, independentes da minha vontade e, como fui compreendendo à medida que os vivenciava, arquetípicos. A única coisa que eu podia fazer era observá-los, uma vez que, se eu tentasse interferir, sofria dores musculares intensas, que só passavam quando eu permitia que meu corpo se expressasse.

[...] Embora ele se mostre capaz de preservar sua estrutura, o eu é como que arrancado de sua posição central e dominante, passando, assim, ao papel de um observador passivo a quem faltam os meios necessários para impor sua vontade em qualquer circunstância, o que acontece não tanto porque a vontade se acha enfraquecida em si mesma, quanto, sobretudo, porque certas considerações a paralisam. (JUNG, 1984, par. 430)

Por não ter jamais vivido algo assim, nem ter ouvido até então relatos semelhantes, essa experiência marcou-me profundamente, levando-me a uma transformação orientada para o desenvolvimento ou, se quisermos, para a “cura”, à medida que deu um significado, trouxe um novo sentido para minha vida.

Quando o homem consegue deixar que um movimento impulsivo se faça nele mesmo, isto é, que o instinto se manifeste sem repressão, o arquétipo central expressa-se corporalmente, re-ligando o homem ao seu Centro. (DENISE RAMOS, 1990, p. 40)

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa, encontra-se no verbete “numinoso”: inspirado, influenciado pelas qualidades transcendentais da divindade (Houaiss, 2004). É esse o sentido que lhe dá Rudolf Otto, em seu livro “O Sagrado”, do qual Jung tirou o termo:

O elemento de que falamos e que vamos procurar dar a conhecer, fazendo pressenti-lo, aparece como um princípio vivo em todas as religiões. Constitui a sua parte mais íntima e, sem ele, nunca seriam formas de religião. ...Falo de uma categoria numinosa como de uma categoria especial de interpretação e de avaliação e, da mesma maneira, de um estado de alma numinoso que se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um objecto se concebe como numinoso. Esta categoria é absolutamente sui generis; como todo o dado originário e fundamental, é objecto não de definição no sentido estrito da palavra, mas somente de exame. Só se pode tentar fazer compreender o que é procurando que a atenção do ouvinte se dirija para ela e fazendo que este encontre, na sua vida íntima, o ponto onde aquela vai aparecer e jorrar, se bem que venha a tomar necessariamente consciência dela. ... Por outras palavras, o nosso X não pode ser objecto do ensino propriamente dito; só pode ser excitado, despertado, como tudo o que procede do espírito. (OTTO, 1992, p. 14 -15)

Movida pela intensidade da experiência, incluí esse tipo de abordagem em minha prática clínica, e pude observar vivências também intensas em meus pacientes quando, de diferentes formas, entravam em contato com o “numinoso” durante o processo da Calatonia. Pude então constatar a importância desse contato no desenvolvimento do processo terapêutico.

A Calatonia, mais do que uma técnica, é um método de relaxamento constituído de toques sutis aplicados pelo terapeuta nos pés e pernas do paciente. Por sua configuração peculiar, que inclui o contato bipessoal, a sutileza e a monotonia dos toques, tem um alcance bastante amplo, favorecendo comutações psicofísicas e facilitando o acesso a imagens inconscientes. Consegue-se, então, um alargamento da consciência que poderá incluir experiências religiosas. E religião, para Jung (1978), é sempre o contato com numinoso e é, também, uma função da psique. Para ele (2002), a alma é naturalmente religiosa:

Todavia, quando demonstro que a alma possui uma função religiosa natural, quando reafirmo que a tarefa mais nobre de toda educação (do adulto) é de transpor para a consciência o arquétipo da imagem de Deus, suas irradiações e efeitos, são justamente os teólogos que me atacam e me

acusam de psicologismo. Se os valores supremos não estivessem depositados na alma tal como mostra a experiência, sem eliminar o antinômomo pneuma (o espírito da contrafação, que também está presente), a psique não me interessaria absolutamente, pois nesse caso a alma não passaria de um miserável vapor. Sei, porém, através de centenas de experiências, que não é este o caso. Ela contém e corresponde a tudo que o dogma formulou a seu respeito e mais ainda, aquilo que torna a alma capaz de ser um olho destinado a contemplar a luz. Isto requer, de sua parte, uma extensão ilimitada e uma profundidade insondável. Já fui acusado de “deificar a alma”. *Não fui eu, mas o próprio Deus quem a deificou!* Não fui eu quem atribuiu uma função religiosa à alma; simplesmente apresentei os fatos que provam ser a alma “naturaliter religiosa”, isto é, dotada de uma função religiosa: função esta que não inventei, nem coloquei arbitrariamente nela, mas que ela produz por si mesma, sem ser influenciada por qualquer idéia ou sugestão. (JUNG, 1971, par. 14)

Newberg, D'Aquili e Rause (2002), em seu livro *Why God Won't Go Away* afirmam que as funções mais elevadas da mente humana desenvolveram-se a partir de circuitos neurológicos muito simples, ligados a funções básicas de sobrevivência, tais como as responsáveis pela procriação, e que estes circuitos, mais tarde, tornaram-se responsáveis por experiências espirituais. Eles chegaram a essas conclusões através de um experimento de monitoramento da atividade cerebral de dois grupos: um de monges budistas tibetanos em processo de meditação, e outro de freiras franciscanas em orações fervorosas. Sua conclusão é de que existe um “cérebro religioso” no ser humano, e de que as estruturas que o compõem desenvolveram-se de circuitarias bem mais simples e básicas. Afirmam que:

Depois de anos de estudo científico, e considerações cuidadosas de nossos resultados, Gene e eu acreditamos ter encontrado evidências de um processo neurológico que evoluiu de forma a permitir aos seres humanos transcender a existência material e se conectar com uma parte mais profunda e espiritual de nós mesmos, percebida como uma realidade absoluta e universal. (NEWBERG e col., p. 9) ¹

¹ Tradução da autora

Raul Marino (2005), discorrendo sobre neuroestimulação e campos eletromagnéticos, relata experiências feitas por Michael A. Persinger:

Persinger notou, durante um exame eletroencefalográfico, que estava sendo feito para monitorar os efeitos da meditação transcendental em uma de suas pacientes, que ela apresentava uma anormalidade eletrográfica no lobo temporal direito. A paciente sentiu a presença de Deus.

Motivado por esse e por outros achados, Persinger desenvolveu um capacete especial, por meio do qual os pacientes, vendados e submetidos a uma câmara à prova de som, recebiam fracos e complexos campos magnéticos gerados por computador em seus hemisférios cerebrais. Muitos dos pacientes relataram ter tido experiência da presença de um “ser sensível”, e essa sensação de presença seria o protótipo da Divindade.

Encontramos em Marino (2005), referindo-se às observações de Persinger, que

[...] experiências e crenças sobre a existência de deuses desde a mais remota Antiguidade são propriedades normais do cérebro humano, tendo se desenvolvido em nossa espécie como funções cognitivas para facilitar nossa adaptabilidade. Sua função primordial deve ter sido a de reduzir a ansiedade relativamente à autopreservação e autodissolução, a qual, se não fosse controlada, teria interferido em nossos mecanismos de adaptação. (p. 91)

Raul Marino conclui, por esses resultados, que a experiência de uma presença sensível é uma propriedade intrínseca do cérebro humano.

Alguns historiadores tendem a considerar nossos antepassados pré-históricos medrosos e desorientados perante a natureza. Uma maneira de diminuir seus medos era constituir deuses para os quais pudessem criar rituais que aplacassem a ira divina, ou aos quais pudessem agradecer quando havia uma boa colheita.

Para Jung (1971) tratava-se de complexos, conteúdos autônomos do inconsciente, impossíveis de ser compreendidos pela mente primitiva que, então, projetava-os em deuses, demônios e espíritos.

Concomitantemente com a evolução do homem ocorreu sua paulatina libertação dos demônios, mas seus conteúdos autônomos continuam pedindo atenção. Expressam-se parcialmente nas religiões; mas a religião ocidental se enfraqueceu à medida que foi sendo racionalizada, e esses conteúdos foram se tornando inacessíveis à consciência cada vez mais unilateralizada do homem moderno. A maneira mais comum deles se expressarem é através da neurose. (JUNG, 1971). E para Jung (2002) a verdadeira cura não está no tratamento das neuroses e, sim, na abordagem do numinoso.

Apesar de todo o avanço da ciência, a vida e a morte, para o homem, ainda são um mistério. E a necessidade de uma crença em um poder superior persiste em nós como em nossos antepassados.

É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz. [...] O que cura a neurose deve ser tão *convincente* quanto a própria neurose, e como esta é demasiado real, a experiência benéfica deve ser dotada de uma realidade equivalente. (JUNG, 1971, par. 167)

Essa realidade a que Jung se refere é a experiência concreta, viva, fascinante do contato com o numinoso.

Nesse trabalho, pretendo investigar se a Calatonia pode ser considerada como um elemento facilitador para o contato com o numinoso, ou seja, para a verdadeira experiência religiosa, possuidora dessa realidade a que Jung (1978) se refere, reconhecível a quem a viveu de fato, ao menos uma vez.

Religião, para ele, é esse contato com o arquétipo, com o símbolo que contém o numen, aquilo que fascina, que tanto pode trazer um sentimento de amor ou terror extraordinários, que provoca respeito e reverência. “[...] Poderíamos, portanto, dizer que o termo ‘religião’ designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso”. (JUNG, 1978, par. 9)

Revendo hoje minha experiência pessoal vejo que não poderia ser outro o tema de minha dissertação de Mestrado, pois foi na Calatonia que pude viver a síntese do que me levou a procurar o trabalho de Pethö Sándor: Jung, corpo e religiosidade.

Ajudar as pessoas a encontrar um sentido maior em suas vidas através da análise de seus conteúdos mais profundos sempre foi o objetivo da terapia analítica. A Calatonia pode facilitar o acesso a esses conteúdos à medida que favorece uma diminuição da atividade do ego, promovendo um contato maior com o inconsciente e, portanto, com conteúdos arquetípicos. Buscando envolver camadas mais profundas do ser através do contato corporal, a forma primeira e imediata de comunicação entre os seres, a Calatonia pode se tornar um importante facilitador desse processo. (ARMANDO, 2006, p. 146)

Minha prática mostra ser possível em três sessões verificar, em alguns casos, indicadores de um contato com o numinoso. Nesse trabalho pretendo demonstrar como esses indicadores podem ser observados e esclarecidos, para que se possa entendê-los como tais.

2 OBJETIVO

Pretendemos verificar qualitativamente, mediante a aplicação da Calatonia, método de integração fisiopsíquica desenvolvido por Pethö Sándor, a ocorrência de uma ampliação de consciência acompanhada pela emergência de símbolos que permitam apontar a possibilidade de um contato com o numinoso, como compreendido por Carl Gustav Jung.

3 PETHÖ SÁNDOR

As informações dadas a seguir foram coletadas ao longo de doze anos de convivência com Pethö Sándor², acrescidas dos depoimentos de Maria Luiza Simões³, dado a Arnaldo Motta e a mim no dia 30 de abril de 2004, e de Agnes Geöcze, dado a Arnaldo Motta, João Bezinelli e a mim, em 21 de maio de 2004.

A inclusão deste capítulo deve-se à importância histórica de Pethö Sándor no desenvolvimento da Psicologia Analítica do Brasil, não só por ter sido um dos primeiros terapeutas junguianos a desenvolver sua prática terapêutica neste país, como por seu trabalho diferenciado, que incluiu à teoria junguiana a abordagem corporal.

Pethö Sándor nasceu em Gyentyamos, Hungria, em 28 de abril de 1916. Era filho de juiz de direito e neto de médico. Formou-se em 1943 pela Faculdade de Medicina de Budapeste, especializando-se em ginecologia e obstetrícia, em meio à Segunda Guerra Mundial.

Dois anos mais tarde, já ao final da guerra, a Hungria que, junto à Bulgária, Romênia e Eslováquia, havia se aliado ao Eixo Alemanha, Itália e Japão, foi invadida

pelas tropas russas, fato que obrigou Sándor, sua esposa e dois filhos pequenos, seus pais e a família de Agnes a fugirem, em busca de um lugar mais seguro, pois, de acordo com ela “os russos maltratavam muito as pessoas, principalmente as mulheres”.

Os pais de Sándor e os de Agnes saíram da Hungria juntos (o pai de Sándor era chefe do pai de Agnes, ambos juizes). Conseguiram embarcar em um trem que

² Em húngaro coloca-se o sobrenome antes do nome. Portanto, Sándor é nome e em português equivale a Alexandre.

³ Maria Luiza Simões. Sua terceira esposa, acompanhou-o até seu falecimento, em 1992. Agnes, filha de Irene e Jozseph Buydos, família que veio com Sándor para o Brasil, considera-o seu padrasto.

passou pela Áustria e pela antiga Tchecoslovaquia, até chegar a uma cidade da Alemanha, onde parou por falta de uma locomotiva que o levasse adiante. Sándor, que estava morando com a esposa e os filhos próximo desse local, quando soube que os pais estavam nesse trem foi encontrá-los.

Durante o reencontro a mãe de Sándor perguntou-lhe se era possível conseguir-lhe um pouco de leite. Sándor saiu do trem para atender ao pedido da mãe. Enquanto isso, sem motivo aparente, o trem foi metralhado por aviões americanos. Era dia 20 de abril de 1945, portanto poucos dias antes do término oficial da guerra, que ocorreu no dia 8 de maio. Segundo relato de Agnes, isso ocorreu porque os ocupantes do trem, já há dois ou três dias sem ter o que comer, haviam resolvido cozinhar em um dos vagões. Os americanos, vendo a fumaça que saía dos fogões, pensaram tratar-se de uma locomotiva levando tropas alemãs. Como era dia do aniversário de Hitler os americanos, enfurecidos, quiseram dar uma demonstração de força.

Correndo de volta, Sándor, encontrando os pais deitados no chão, disse-lhes que já podiam levantar, pois o perigo passara. Como isso não ocorresse, aproximou-se mais, só então percebendo que, atingidos pelas balas, eles estavam mortos. Disse então que não havia mais nada a fazer por eles e que iria cuidar dos feridos. E assim o fez, até o final do dia quando, só então, subindo em um morro próximo, permitiu-se um momento de isolamento.

A nós, brasileiros, essa atitude pode soar como sendo ele possuidor de uma grande frieza. Mas temos de considerar que, além de sua origem húngara, com uma cultura que se expressa de modo menos emocional que a nossa, Sándor não deixava que sentimentos pessoais interferissem em seu trabalho. Ele tinha como princípio, acima de tudo, ajudar pessoas.

Agnes disse que entendeu isso já naquela época, aos treze anos, citando como exemplo um fato que a marcou profundamente.

Após o ataque ao trem e tendo a guerra terminado, ambas as famílias, a de Sándor e a dela, permaneceram na Alemanha, na condição de refugiados, por não quererem retornar à Hungria ocupada pelos russos. Moravam em locais distantes um do outro. Certa vez ela teve que buscar quinze quilos de batatas que seu pai havia conseguido e que tinha deixado em casa de Sándor. Ao ver que ela iria carregar todo aquele peso, Sándor impediu-a, executando ele o trabalho. Nesse momento ela pensou: esse homem está carregando os meus fardos. E em seu relato, continua: “Quando penso nisto, sempre choro. Ele era assim com todos. Ajudava todo mundo... (Depoimento do dia 21/05/2004)

Em 8 de janeiro de 1946 Sándor perdeu sua esposa, Marietta, inesperadamente, dentro de um hospital. Ela estava lá com um dos filhos que adoecera e estava internado. Na madrugada daquele dia Sándor foi chamado ao hospital e quando chegou ela já havia falecido, aos vinte e seis anos.

Com vinte e oito anos de idade, tendo perdido os pais e a esposa no intervalo de um ano, Sándor viu-se, de repente, só e tendo que criar dois filhos pequenos, de dois e três anos. Escreveu uma carta a Jozseph Buydos contando o ocorrido. Jozseph e Irene, que além de Agnes tinham mais um filho e uma filha, esta com idade próxima à dos filhos de Sándor, ofereceram-se para cuidar de todas as crianças, para que ele pudesse continuar trabalhando como médico. Sándor, então, uniu-se à família Buydos.

As duas famílias só conseguiram sair da Alemanha em 1949. Vieram então para o Brasil, o único país que os aceitou sem restrições. Sándor dizia ser muito grato ao país por isso. Foram levados para a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e lá ficaram de quarentena, como era obrigatório na época, após o que vieram para São Paulo, onde tinham amigos que os ajudaram. A respeito desse período, Sándor costumava contar que, estando na Ilha das Flores em junho de 1949, época das festas juninas, quando as pessoas ouviam o espocar de rojões, mesmo sabendo que se tratava disso, não conseguiam deixar de correr para baixo das camas. Contava isso para exemplificar como age o condicionamento psicológico.

Aqui em São Paulo Sándor, que não tinha seu diploma de médico reconhecido no Brasil, foi trabalhar como laboratorista na Nitroquímica, em São Miguel Paulista, bairro em que permaneceu por três anos, sempre junto com a família amiga. Tendo morrido Jozseph Buyidos, Sándor casou-se com sua viúva, Irene, para assim poderem cuidar melhor dos filhos de ambos.

Dono de uma personalidade multifacetada, dava palestras no Clube Húngaro, onde também encenava peças teatrais, atuando ora como diretor, ora como ator, escrevia artigos para o jornal do bairro, coordenava grupos de escoteiros (havia sido um deles até os vinte anos, chegando a conhecer Baden Powel). Não perdia os bailes do Clube Húngaro, pois gostava muito de dançar. Cantava muito bem. Sua primeira opção profissional havia sido ser cantor de óperas (era tenor romântico, de acordo com ele), que depois foi substituída pela medicina, em virtude da guerra.

Gostava muito de cinema, e era fã de Arnold Schwarzenegger e Charles Bronson, não perdendo nenhum de seus filmes. Ia à sessão da meia-noite, porque parava de trabalhar às onze horas. Foi justamente falando sobre cinema que o ouvimos, uma única vez, referir-se a sofrimentos passados. Na ocasião o aconselhamos a assistir o filme *Sacrifício*, de Andrei Tarkovski, e ele, negando-se, justificou: “já passei por muito sacrifício na vida”.

De uma franqueza que às vezes chegava a ser rude, era ao mesmo tempo muito gentil, acolhedor e generoso, sempre pronto a atender quem dele necessitava. Uma frase ouvida em várias ocasiões em que ele abriu mão de algo que desejava fazer para atender algum pedido, quando inquirido sobre o motivo, disse: “mas ele (ou ela) pediu...”.

Em meados da década de cinqüenta, Sándor montou seu primeiro consultório, na rua Augusta. Lá foi sendo procurado por um número cada vez maior de pessoas, número esse que chegou a oitenta atendimentos semanais. Anos depois mudou para Perdizes, bairro onde permaneceu até seu falecimento.

Sándor era exigente e seletivo. Não fazia concessões, chegando, às vezes, a ser rude. Maria Luiza Simões, em seu depoimento, disse que o conheceu como sua paciente. Em sua primeira consulta levou a sobrinha com ela. Sándor perguntou o porquê da presença da menina. Respondendo que pretendiam fazer compras na rua Augusta depois da consulta, ouviu de Sándor: “Passe bem, vá passear na rua Augusta. Volte na semana que vem.” De acordo com ela, esse era o Sándor. Para quem agüentasse, as portas se abriam.

No final da década de sessenta a Sociedade de Psicologia de São Paulo, tendo como presidente a dra. Mathilde Neder, professora do curso de graduação de psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, filiada à PUC-SP, realizou o primeiro curso sobre Relaxamento aberto ao público. O conteúdo desse curso foi publicado, primeiramente, no Boletim de Psicologia, em 1969 e transformado em livro, em 1974, com o título de “Técnicas de Relaxamento”. (PETHÖ SÁNDOR e outros)

Em março de 1971, passou a dar aulas na Faculdade de Ciências e Letras São Bento, lecionando as matérias Integração Psicofísica e Psicologia Profunda, e, mais tarde, Teorias e Técnicas Psicoterápicas, Integração Psicofísica e Profilaxia, Reações Neuróticas, Psicologia do Adolescente, TTP Adulto e TTP Adolescente, Sono e Sonho e Reações Conflituais. Em 1975 desligou-se do curso de graduação em Psicologia para passar a dar aulas no então recém criado curso de Especialização em Psicoterapia de Crianças e Adolescentes, coordenado pela dra. Mathilde Neder. Nesse curso deu aulas de psicologia analítica, junto com Maria Isabela de Santis. Inicialmente programado para dois anos, seu prazo de duração foi ampliado para três anos em 1977, quando recebeu sua terceira turma. Nessa ocasião Sándor tinha se tornado sub-coordenador do curso. Desligou-se da PUC em 1980. Sua passagem por ela influenciou a constituição daquele que pode ser considerado um dos principais centros de formação junguiana nas universidades brasileiras. (MOTTA, 2005)

Sándor desligou-se da PUCSP, mas já havia deixado lá suas sementes: em 1978 Rosa Farah, ex-aluna do curso de especialização e participante de grupos de estudos, foi convidada a participar do Núcleo 28, denominado “Identidade e Corpo”. Esse núcleo incluía representantes de diferentes modalidades de trabalhos corporais em psicologia, com predominância da visão reichiana. Passando a fazer parte desse grupo, Rosa introduziu o ensino da Calatonia e das propostas de trabalho de Sándor. Em 1993, após reforma curricular na Faculdade, esse núcleo passou a ser denominado Núcleo 15 – “Integração Psicofísica”, por uma questão de coerência com seu conteúdo. Essa denominação permanece até hoje, sendo que sua programação coloca ênfase na Psicologia Analítica e no trabalho de Integração Psicofísica tal como foi proposto por Sándor. (FARAH, 1995)

Foi considerado Doutor Honoris Causa pela PUCSP, sem que se saiba ao certo a data em que recebeu esse título. O conhecido é que em 1986 ele participou da Banca para a obtenção do grau de Mestre de Ceres de Araújo Antunes, na PUCSP.

Em 1981 foi contratado pelo Instituto Sedes Sapientiae, onde já atuava como professor convidado no curso “Terapia Psicomotora”, no qual lecionava a matéria criada por ele “Cinesiologia Psicológica”. A partir desse ano, sem deixar de lecioná-la no curso anterior, Sándor fez dela um curso independente.

O curso “Terapia Psicomotora” mais tarde passou a se chamar “Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais, mudando novamente seu nome em 2005 para “Jung e Corpo”. O curso “Cinesiologia Psicológica”, até a presente data, permanece com o mesmo nome. Ambos os cursos são ministrados por ex-alunos seus, e ambos editam revistas anuais: “Cinesiologia Psicológica” deu início, em 1996, à revista “Hermes” e “Jung e Corpo” lançou, em 2001, o primeiro número de sua revista, batizada com o nome do curso. O Sedes é hoje uma referência quando se trata de cursos de teoria junguiana com abordagem corporal.

Desde o início de suas aulas Sándor era muito procurado por alunos que queriam aprender mais com o mestre. Passou a coordenar muitos grupos de estudos, sempre fundamentado na psicologia de Jung, aliada a uma abordagem corporal que ele próprio desenvolveu. Para ele corpo e mente sempre formaram uma unidade inseparável, idéia defendida vigorosamente, atribuindo a ela a inclusão do trabalho corporal na abordagem terapêutica. Ao lado desses grupos organizava outros, aos quais passava ensinamentos esotéricos, através de leituras de textos pertencentes ao esoterismo. Dava aulas de astrologia, coordenava grupos de meditação.

Possuía uma característica interessante: tinha a capacidade de dar apenas e completamente aquilo que lhe era solicitado. Nunca antecipava respostas para as quais a pessoa ainda não estava pronta.

Seus alunos tinham por ele o que se poderia chamar de “temor reverencial”, aliado a um carinho e agradecimento ao que era recebido, dada sua enorme disposição de sempre passar conhecimentos a quem se mostrasse realmente interessado. Para isso exigia freqüência e pontualidade e, principalmente, comprometimento com tudo aquilo que era recebido. Os ensinamentos eram passados de forma amorosa e tranqüilizadora, criando no grupo uma atmosfera peculiar de respeito e cooperação. Possuía também uma qualidade muito incentivadora: via um sentido em tudo o que acontecia, mostrando a possibilidade de um aprendizado em fatos aparentemente sem sentido algum.

Pode-se definir seu comportamento como tendo sido austero, porém divertia-se com facilidade, sendo freqüente ouvir-se suas gostosas gargalhadas.

Sua criatividade aparecia muito na apresentação de trabalhos corporais, nos quais se via bem uma outra característica sua: a abertura para o novo. Isso fez dele uma pessoa que, apesar de ter falecido aos quase 76 anos, manteve seu espírito jovem e de acordo com o tempo em que viveu.

Era generoso. Costumava pagar as mensalidades de alunos seus que iriam desistir dos cursos em virtude de dificuldades financeiras. Mas o fazia por um período de no máximo seis meses, pois, em sua opinião, esse era o tempo suficiente para a pessoa se reorganizar. Traduzia textos junguianos do alemão e do inglês para facilitar a vida dos alunos.

Deixou apenas um livro, “Técnicas de Relaxamento”, já citado neste trabalho, editado pela Vetor, com textos seus e de outros profissionais e do qual foi o organizador.

Possuidor de sensibilidade, intuição, inteligência e cultura notáveis, (sua cultura abarcava diversas áreas do conhecimento, como medicina, psicologia, mitologia, religião, astrologia) dedicou sua vida quase que totalmente ao trabalho. Uma frase que ele dizia e que expressava bem sua filosofia era que a melhor maneira de viver era ter uma aceitação total da sobrecarga e a consciência absoluta da insegurança da vida.

Deixou sua marca na psicologia analítica não só do Brasil. Kirsch (2000), em seu trabalho “The Junguians (A Comparative and Historical Perspective), refere-se a Sándor como tendo sido

[...] Pethö Sándor (1916-1992) foi um ginecologista húngaro que veio para o Brasil em 1949. Um homem altamente intuitivo e introvertido, lecionou na Universidade Católica de São Paulo, onde fez traduções particulares dos “Seminários das Visões” de Jung, e promoveu discussões sobre as Obras Completas de Jung. Nesse tempo eles não estavam traduzidos para o português. Desenvolveu sua própria teoria da “Terapia dos Toques Sutis”, um tipo de tratamento psicossomático. Embora não aceito pelos junguianos “teóricos”, continuou a trabalhar independentemente em um caminho individual próprio. (p. 197)

Sándor viajava três fins de semana por mês para Pocinhos do Rio Verde, no município de Caldas, Minas Gerais às sextas-feiras, onde possuía um sítio, e retornava a São Paulo aos domingos. Fazia as viagens de ônibus, junto com a esposa, Maria Luiza Simões. Lá traduzia textos (na época estava produzindo um texto com reflexões relacionando Santo Inácio de Loyola e Jung), e fazia trabalhos braçais, tarefa que apreciava muito. No último fim de semana de cada mês ficava em São Paulo, atendendo pessoas, dando as aulas de astrologia, fazendo saraus musicais, onde apresentava as óperas de sua preferência, principalmente as de Wagner, a alunos interessados em ouvi-las. Dava-se ao trabalho de traduzir os libretos, imprimi-los e distribuí-los, para que pudessem acompanhar o desenrolar da trama musical.

Em janeiro de 1991, olhando seu mapa astral para aquele ano, viu Saturno em uma determinada configuração que indicava profundas transformações naquele período. Avisou às pessoas mais próximas que, aos setenta e cinco anos, isso poderia significar sua morte.

Sándor faleceu em decorrência de problemas cardiovasculares, no dia 28 de janeiro de 1992, em seu Pocinhos, um mês depois do término do ano em que ele previu sua possível morte. Nesse dia, pela manhã, ele não quis comer e nem saiu para terminar de abrir um caminho que estava fazendo com enxada na entrada do sítio, há meses, e que estava quase no fim (um de seus grandes prazeres era trabalhar na terra).

Ele disse não estar se sentindo muito bem e foi deitar. Como demorasse a se levantar, Maria Luiza foi chamá-lo, mas ele não respondeu. Havia falecido. Seu caseiro foi então terminar de fazer o caminho, dizendo ser essa a melhor homenagem que ele poderia prestar ao patrão.

Era um homem de hábitos simples, gostava de cuidar de suas próprias coisas. Morreu como viveu: com simplicidade, sem fazer alarde, sem dar trabalho.

Seu falecimento deixou em todos um vazio, lentamente preenchido por seus ex-discípulos, que hoje se agregaram e implantaram o Centro de Integração e Desenvolvimento (CID), que se propõe a preservar e divulgar os conhecimentos deixados por ele.

Por ser avesso ao culto à personalidade, pouco antes de seu falecimento, em conversa particular, Sándor disse querer que o esquecessem depois de morto. Esse desejo não pôde ser atendido.

4 A CALATONIA

O termo Calatonia deriva da palavra grega “khalaó”, que significa relaxação, alimentação, afastar-se do estado de ira, abrir uma porta, desatar as amarras de um odre, deixar ir, perdoar os pais, retirar todas as vendas dos olhos, etc. (SÁNDOR e outros, 1982)

A Calatonia foi desenvolvida por Pethö Sándor durante a Segunda Guerra Mundial, através de observações de casos de amputação de membros inferiores feridos ou congelados de soldados em hospitais de campos de refugiados. Com a volta dos soldados das estepes geladas da Rússia, muitos eram os casos de gangrena nos membros inferiores, com conseqüente amputação. Objetivando diminuir a dor decorrente de membros fantasmas, inicialmente Sándor (1982) tentou usar o método de relaxamento de J. H. Schultz, sem êxito, em virtude da falta de cooperação dos doentes, pois o Relaxamento Autógeno de Schultz exige uma cooperação ativa do paciente, por este ter que seguir uma voz de comando dada pelo terapeuta. Na situação em que se encontravam, os pacientes sentiam-se muito fragilizados e deprimidos para conseguirem seguir essa orientação. Já a Calatonia, por ser uma técnica em que a atuação do paciente é basicamente passiva, obteve resultado imediato.

Houve repetidas tentativas de introdução do método de SCHULTZ, mas a maioria dos pacientes não conseguia colaborar; reagia, no entanto, imediatamente ao processo calatônico, que naquele tempo nem pretendia ser uma técnica “sui generis”, isolada, embora existissem poucas diferenças em relação às seqüências hoje aplicadas. (SÁNDOR e outros, 1982, p. 92)

A descrição do método foi publicada pela primeira vez em 1969 no “Boletim de Psicologia”, órgão da Sociedade de Psicologia de São Paulo, então dirigida pela dra. Mathilde Neder, professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1972 esse Boletim foi editado

na forma de livro, como “Técnicas de Relaxamento” de Pethö Sándor e outros, publicado pela Vetor Editora Psico- Pedagógica Ltda.

A Calatonia constitui-se na aplicação de toques sutis nos dedos dos pés, nas solas e no início das pernas. Nos casos em que havia sido necessária a amputação dos membros inferiores, segundo relato verbal do Autor em grupos de estudos que ele coordenava, os toques eram feitos em terminações nervosas, “onde estariam os pés”.

É interessante observar que o que diferencia a Calatonia de outras técnicas de abordagem corporal é a sutileza de seus toques. E essa sutileza fala muito de seu criador, uma pessoa reconhecidamente sensível. Como observa Arnaldo Motta, em sua Dissertação de Mestrado,

A própria palavra “suave” parece destoar do contexto “hospital de um campo de refugiados”. Porém, a existência da calatonia enquanto método caracterizado por “toques sutis” (Delmanto, 1997, p. 15) é a prova de que Sándor pôde constituir um espaço para continuar a exercer a sua sensibilidade mesmo em situações desfavoráveis. (MOTTA, 2005, p. 80)

A seqüência dos toques foi proposta por seu criador, sem que haja registro formal a respeito do porquê tenha sido idealizada da forma que foi, embora em seus grupos de estudos Sándor fizesse referências aos meridianos chineses, ao do-in, à reflexologia, mas sempre com o sentido de amplificação e não de explicação. Outra referência, feita nesses grupos, eram as correspondências planetárias segundo a astrologia tradicional, assim como equivalências com os *chakras*, contemplados pela filosofia indiana como sendo centros de energia existentes no corpo humano. Assim, o polegar é relacionado a Vênus e ao chakra Manipura (centro do plexo solar), o indicador a Júpiter e Anahata (centro cardíaco), o médio a Saturno e Vishudha (centro laríngeo), o anular a Apolo (centro basal) e o mínimo a Mercúrio e Svadhisthana (centro sacral).

A Calatonia está descrita detalhadamente no livro já citado anteriormente, o único deixado por Sándor, “Técnicas de Relaxamento” (SÁNDOR e outros, 1982). Segue-se a descrição:

“O (a) paciente deita-se com os calcanhares bem apoiados, (sem subir demais), em decúbito dorsal, com os braços soltos ao longo do corpo, com a palma da mão para cima. Essa é sempre a posição inicial. Mais tarde, se quiser, poderá virar as palmas das mãos para baixo...”

A seqüência dos estímulos é a seguinte:

a) Seguramos com os dedos mediano e polegar muito sutilmente, os terceiros dedos nos pés a (correspondentes ao mediano na mão), de maneira que o polegar esteja em baixo e o mediano em cima, não sobre a unha, mas próximo dela, permanecendo, porém, na área das falanges distais. Sem apertar, sem movimentar ou massagear o dedo, apenas limitando-nos ao contato suave do nosso mediano e polegar (“como quem quisesse carregar uma bolha de sabão”) esperamos três minutos, mantendo o próprio corpo descontraído, cuidando especialmente dos ombros: não levantá-los. Há os que gostam de deixar os olhos semi-cerrados, mas mesmo assim devemos observar o paciente (fasciculações, ritmo respiratório, movimentação involuntária das mãos ou dedos, mímica da face, tremor das pálpebras, etc.) sem verbalizar os achados.

b) Trocam-se os dedos: agora com o polegar e o indicador seguramos de maneira idêntica os segundos dedos dos pés (correspondentes aos indicadores das mãos) em termos das explicações acima expostas. O paciente, sentindo a mudança, talvez queira ver e levante a cabeça. Pedimos que não o faça, mas orientamos: se houver alguma observação ou pergunta em relação com as impressões ou sensações momentâneas, “sem levantar a cabeça, com olhos fechados, em voz baixa pode comunicar-nos de maneira concisa o que quiser” acrescentando, porém, que “em geral não se conversa durante o relaxamento”. Naturalmente podem surgir exceções: certas pessoas justamente durante o exercício calatônico fornecem material valioso (recordações, “flashes”, palpites, intuições) que não deve ser reprimido ou recusado, nem provocado nas próximas sessões.

c) Depois de três minutos trocamos os dedos: com o nosso anular e polegar seguramos de modo idêntico os quartos dedos dos pés do paciente (correspondentes ao anular na mão), de novo controlando a própria posição descontraída e as manifestações eventuais do paciente. Mesmo surgindo certo cansaço nos braços, cuidamos para não apoiar com peso sobre os dedos do pé do paciente. No início da aprendizagem desta técnica, pode ser difícil para nós achar a postura mais adequada.

d) De novo trocamos os dedos (como se vê, cada seqüência dura três minutos na fase inicial do processo calatônico) e com o mínimo e o polegar seguramos os quintos dedos (correspondentes aos mínimos nas mãos) nos pés do paciente. Eles são muitas vezes atrofiados, tortos, deslocados ou quase esmagados; mesmo assim executamos com cuidado e paciência (três minutos).

e) Com todos os dedos seguramos os primeiros dedos (halux) dos pés (correspondentes ao polegar das mãos) do paciente, de maneira que os nossos polegares apoiem por baixo, os indicadores e mínimos toquem os lados e os medianos e anulares estejam em cima (três minutos).

f) Tocamos suavemente com os dedos anulares, médios e índices juntos a planta dos pés mais ou menos na extremidade metatársica do arco longitudinal (há variações individuais); neste ponto corre o arco plantar das artérias do interior do pé. Com isto iniciamos uma outra categoria de condicionamento, utilizando a planta dos pés, (acostumada a receber e transmitir para o centro os mais diversos e mais extremos estímulos, para reagir, desta vez apenas a tais contatos leves e monótonos.

g) O segundo ponto da sola do pé é a parte mais côncava do arco longitudinal (mesmo em casos de “pés chatos” poderemos encontrá-los com facilidade) e o tocamos com os três dedos acima descritos de maneira suave, sem exercer pressão que possa ser sentida como “afastamento”, sendo interpretada pelos pacientes em termos de “rejeição”.

h) Com as mãos levantamos um pouco a face posterior do pé (calcanhar) de modo que a palma da mão a apóie junto com o tendão calcanear, sem apertá-la porém,

com os dedos que se estendem um pouco abaixo da ponta dos maléolos mediais. No outro lado os maléolos laterais encontram-se acostados ao ângulo formado pela falange proximal do polegar e a borda metacarpal das mãos.

i) A última posição das palmas da mão é a convergência dos ventres do tríceps sural; ao mesmo tempo o calcanhar apóia-se sobre o antebraço do terapeuta que assim manterá essa parte da perna e o calcanhar um pouco elevados.” (SÁNDOR, 1982)

Há casos em que se torna impossível utilizar os pés para a aplicação da Calatonia, como quando há ferimentos, micoses, etc. Pode-se, então, aplicar o mesmo procedimento usando-se as mãos do paciente. Novamente nas palavras do Autor:

“O paciente levanta os braços, que talvez devam ser, em ambos os lados, apoiados com almofadas, formando um ângulo cubital não superior a 90 graus; assim a circulação não será inibida. As palmas da mão mantêm-se em posição supina.

A seqüência de estímulos é a mesma, mas desta vez o polegar apoiará a primeira falange distalmente da unha e os dedos correspondentes do terapeuta tocarão suavemente (como no pé) a face palmar da ponta dos dedos do paciente, que não devem ser esticados, podendo permanecer numa flexão espontânea, isto é, na “posição de repouso” invertida.

Os dois pontos na palma da mão podem ser encontrados com facilidade; são tocados com o indicador, o mediano e o anular do terapeuta que depois apoiará o dorso da mão e o pulso, sem “algemar”, levantando-os ligeiramente, cuidando porém para que seus braços não fiquem rígidos e tenham uma colocação cômoda. O último ponto de contato será “pulsos sobre pulsos” chegando as pontas dos dedos do terapeuta a cobrir a metade distal dos antebraços do paciente. Essa proporção depende naturalmente do tamanho das mãos que tocam e dos antebraços estimulados, repousando neles apenas suavemente, sem exercer pressão ou sem imobilizá-los, porque isso poderá causar uma desagradável impressão final de dominação e imposição.

Especialmente com crianças é útil o condicionamento da cabeça, segurando-a com ambas as mãos (bordas hipotenares juntas) de modo que os dedos medianos toquem a nuca na área da saída das artérias, veias e nervos occipitais. Essa modalidade deve ser aplicada delicadamente. Ao retirar as mãos depois de 4-5 minutos cuida-se para não sacudir a cabeça do paciente, porque a relaxação pode ser muito profunda e qualquer estímulo mais enérgico causará constrangimento, angústia ou reações emotivas . (SÁNDOR e outros, 1982 p. 93, 94, 95, 97)

Nesse mesmo livro, Sándor se refere à Calatonia ora como técnica, ora como método. No Novo Dicionário da Língua Portuguesa, encontramos as seguintes definições:

Técnica: 1) A parte material ou o conjunto de processos de uma arte.

2) Maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo.

3) Prática.

Método: Do grego *méthodos*, caminho pelo qual se chega a um fim’.

1) Caminho pelo qual se chega a um determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo deliberado e refletido.

2) Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. (FERREIRA, 1975)

Podemos daí, então, deduzir que tanto se pode chamar a Calatonia de técnica, quanto de método, uma vez que ela se vale de uma técnica que permite que se utilize de imagens, sensações, observações tanto do paciente quanto do terapeuta, para serem analisadas dentro de uma determinada linha teórica.

Vemos a inclusão do conceito de método, por exemplo, quando Sándor (1982) afirma em seu livro ser o relaxamento um meio condicionador que permite que o

indivíduo vislumbra aquilo que está destinado a ser (SÁNDOR e outros, 1982, p.10), o que nos faz pensar em processo de individuação. Em outro trecho do mesmo livro, no capítulo sobre a Calatonia, descrevendo suas possibilidades, diz que ela possibilita uma aproximação “às áreas de apoio transpessoal e àquele núcleo da totalidade psíquica que é muito mais do que apenas a soma dos seus componentes”. Seria esse núcleo o Si-mesmo? Parece que sim. Nesse caso, Sándor nos remete à teoria de Jung, à Psicologia Analítica.

Dois fatores caracterizam especialmente a aplicação da calatonia: o toque sutil aplicado diretamente na pele e, como consequência, o contato bipessoal.

A importância do toque na pele se deve, em primeiro lugar, ao fato desta ter a mesma origem embrionária do sistema nervoso, ou seja, ambos se desenvolvem a partir da ectoderme, a mais externa das três camadas embrionárias, o que determina muitas de suas peculiaridades: dela se diferenciam os cabelos, os pelos, as unhas, os dentes, os órgãos dos sentidos: olfato, paladar, visão, audição. É o maior órgão do corpo humano, e o primeiro a receber os estímulos externos.

Já o sistema nervoso central, de acordo com Montagu (1988), é o responsável por manter o organismo informado do que ocorre fora dele, desenvolvendo-se como a porção da superfície geral do corpo embrionário que se vira para dentro: “... Portanto, o sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, ao contrário, a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso”. (p. 22)

Através do toque suave da pele uma variada gama de sensações pode vir à consciência. A pele possui uma grande plasticidade sensorial, sendo responsável pela condução de sensações como as de calor, frio, pressão, dor. Usando a sensibilidade cutânea, a Calatonia pode elicitar lembranças, imagens, enfim, vivências as mais variadas. (SÁNDOR e outros, 1982, p.110)

Além disso, a monotonia do toque na Calatonia leva o paciente a uma interiorização capaz de diminuir a atividade do ego, podendo levá-lo a entrar mais em contato com conteúdos até então inconscientes, através de imagens possuidoras de símbolos integradores que, quando chegam à consciência, podem ser capazes de promover transformações necessárias dentro de um processo de individuação.

...Ela (a alma) cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém das idéias que o consciente adquiriu. Os arquétipos são elementos estruturais numinosos da psique e possuem certa autonomia e energia específica, graças à qual podem atrair os conteúdos do consciente a eles adequados. Os símbolos funcionam como transformadores, conduzindo a libido de uma forma “inferior” para uma forma superior. ...O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao númeno, que é a energia específica própria do arquétipo. (JUNG, 1986^b, par. 344)

Com relação ao contato físico entre terapeuta e paciente, sua importância se deve, principalmente, ao fato de que, ao tocar o paciente, o terapeuta também é tocado por ele, considerando-se aqui tanto o corpo físico quanto o corpo simbólico. Ou seja, há uma ressonância bi-pessoal, que atua de maneira a que o terapeuta também receba os estímulos advindos de tal contato, desde que esteja disponível para isso. Dessa maneira, torna-se mais fácil a constelação do arquétipo curador-enfermo tanto no paciente quanto no terapeuta, possibilitando a um e outro experimentarem ora uma, ora outra das polaridades do arquétipo, estimulando-se, dessa forma, o curador interno no paciente.

Guggenbühl-Craig (1978), discorrendo sobre o conceito de transferência de Jung (1987) usa a imagem mitológica de Chíron para desenvolver a imagem do curador-ferido. Chíron era o mestre das artes da cura e sofria de uma ferida incurável. Estaria, então, representando a figura não dividida do médico-paciente. Isto quer dizer que se o médico (analista) se julga o todo-poderoso, o saudável, ele está deixando de considerar um lado seu importante, o da sua fragilidade, constelando no

paciente o ser doente, dependente. Com isso o paciente não entra em contato com seu lado curador, impedindo-se, assim, de poder curar a si mesmo..

Sándor (1982) entendia a psique dinamicamente, dentro das idéias de Jung (1971). Conhecia suas formulações a respeito da compensação de opostos. Pode-se deduzir que foi baseado nessas idéias que ele terminou seu artigo, dizendo que as imagens calatônicas surgem com o conteúdo indicado para o paciente naquele momento. Tal como Jung, acreditava profundamente no poder compensatório, regenerador, do inconsciente. Quando o ego se encontra em uma situação para a qual não há saída visível, o inconsciente constela conteúdos compensatórios, como solução possível para o problema. Esses conteúdos podem aparecer em forma de sonhos, fantasias, imagens (imagem aqui entendida em seu sentido mais amplo, incluindo visão, tato, audição, percepção e movimento). A Calatonia, à medida que proporciona o movimento da libido do ego para o inconsciente, pode facilitar a constelação dessas imagens.

Jung (1971), afirma que:

[...] qualquer que seja o aspecto que os opostos possam assumir nos casos individuais, fundamentalmente trata-se sempre de uma consciência desgarrada e mergulhada obstinadamente na unilateralidade e confrontada com a visão de uma totalidade e uma liberdade instintivas. (par. 190).

Um ego extremamente unilateralizado, rígido, está sujeito à invasão do inconsciente. Uma terapia centrada na Calatonia proporciona, através do tempo, a ampliação continuada da consciência, mediante a elaboração dessas imagens compensatórias, trazendo, como consequência, um fortalecimento egóico. Dessa forma, pode-se falar em um processo de individuação que está sendo fomentado pela Calatonia.

A diferença entre a Calatonia e outros tipos de relaxamento é que esta foi idealizada como uma técnica terapêutica, inicialmente para diminuir dores físicas e, posteriormente, dores emocionais. Como foi relatado no princípio desse trabalho,

Sándor percebeu que, além de diminuir as dores corpo fantasma dos feridos de guerra, a Calatonia diminuía os estados depressivos, facilitava a emergência de imagens, atuando também na esfera psíquica. “A Calatonia, através de seus suaves toques, encontra nos pés uma porta de acesso para a alma, transportando o paciente, entre comutações psicofísicas diversas, ao universo inconsciente das imagens.” (TOLEDO, 2002, p. 140)

Por possuir esse conhecimento, o terapeuta que se utiliza dela em sua prática clínica já tem a intenção de trabalhar com essas imagens. O olhar do analista é diferente do olhar de alguém preocupado apenas com a redução do estresse, caso de parte das pessoas que se utilizam de técnicas de relaxamento. O analista que adota, além de uma linha teórica a abordagem corporal, preocupa-se também com diminuir o estresse do paciente, mas seu olhar vai principalmente para os conteúdos da esfera psíquica que podem surgir através do trabalho com o corpo do paciente. O corpo simbólico tem, nesse tipo de abordagem, a mesma consideração que o corpo físico.

Os procedimentos da calatonia são ritualísticos. Seguem sempre a mesma ordem de toques, o paciente deita-se sempre da mesma maneira, durante o mesmo tempo, o terapeuta costuma sair da sala antes e depois de aplicada a técnica (para lavar as mãos). Pede-se ao paciente que retire os sapatos, as meias e se despoje de objetos como cintos, relógios, jóias, bijuterias, etc. Simbolicamente, despojar-se do que não é necessário é ficar só com o essencial, distanciar-se da persona e aproximar-se do Si-Mesmo, o que facilita a constelação do arquétipo do curador-ferido. A importância do curador interno é aceita também pela medicina, quando ela comprova o benefício do efeito placebo.

Ernst Cassirer, discorrendo sobre a mobilidade do símbolo, diz:

“...No pensamento mítico, o nome do deus é parte integrante da natureza do deus. Se eu não chamar o deus pelo seu nome certo, a oração ou o feitiço deixam de funcionar. O mesmo vale para as ações simbólicas. Um

ritual religioso, um sacrifício deve ser sempre realizado da mesma maneira invariável e na mesma ordem para ter efeito...⁴ (CASSIRER, 2005, p. 65)

Se considerarmos que no nosso inconsciente mora um homem de dois milhões de anos, como disse Jung (1982), temos nele um ser cujo pensamento é mítico. Sendo a linguagem do inconsciente imagética e mítica, o ritual da Calatonia, com seus passos repetitivos, pode colocar o ego em contato com imagens arquetípicas pertencentes a esse homem primitivo, para quem o deus é parte da natureza e não de um ego racionalizante. As imagens que surgem, então, podem vir com toda a sua força energética, com toda a sua numinosidade. Além disso, o ritual da Calatonia pode, também, garantir ao paciente uma segurança quanto às tendências imprevistas e perigosas do inconsciente. Conforme Jung (1978), desde tempos imemoriais os ritos constituíram um caminho seguro de acomodação para as forças incalculáveis do inconsciente.

As publicações a respeito da Calatonia foram se ampliando, em forma de livros, artigos e teses, principalmente em São Paulo, cidade em que foram desenvolvidos os trabalhos de Sándor, e onde se encontra a maior parte de seus ex-alunos que, além das publicações, vêm divulgando o conhecimento dela através de cursos ministrados em várias cidades do Brasil e em outros países, como Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Áustria, Portugal, Dinamarca, e no próprio Instituto de Zürich.

Penna, L. C. (1979) apresenta sua Dissertação de Mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, “Calatonia: a sensibilidade, os pés e a imagem do próprio corpo em psicoterapia”, abordando, através da metodologia de avaliação de um estudo de caso, a inserção do método de Sándor no conjunto das abordagens corporais em psicologia, analisando as principais contribuições para a evolução da corporalidade na prática clínica nos séculos 19 e 20.

⁴ Grifo da autora

Wahba, L. (1982) apresenta, na PUC/SP, sua Dissertação de Mestrado, “Consciência de Si através da Vivência Corporal”, onde ela cita a Calatonia como sendo um processo de estimulação em que acontecem reações que envolvem o indivíduo como um todo e respostas que indicam uma ressonância profunda.

Penna, L. C. (1985) apresenta “O Método Calatônico em Psicoterapia”, no Simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, publicado em Ciência e Cultura (SBPC).

Gorodscy, R. C. e Tosi, S. M. V. D. (1987) publicam o artigo “Calatonia: uma experiência clínica” na revista TEMAS, discorrendo sobre a Calatonia como técnica capaz de propiciar ao paciente um atendimento psicoterápico que atua de modo unitário sobre o organismo e a psique, sobre o corpo real vivido e simbólico.

Seixas, L. P. (1989) apresenta sua Dissertação de Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual analisa um caso de esquizofrenia onde, à base teórica Junguiana, alia a abordagem corporal, dando destaque à Calatonia.

Penna, L. C. (1989) publica seu primeiro livro, com o título de “Corpo Sofrido e Mal-Amado – As experiências da mulher com seu próprio corpo”, pela Summus Editorial. Nele ela cita a Calatonia como exemplo de trabalho com a pele, pelo contato suave e troca vivenciada, e não aplicada, entre duas pessoas, que mobiliza um movimento interior que abarca todas as categorias do ser e que permite que a pessoa volte a encontrar seu próprio eixo.

Sanino, A. M. (1992) publica o livro “Métodos do Trabalho Corporal na Psicoterapia Junguiana – Teoria e Prática”, onde o uso da Calatonia é citado como um dos métodos de trabalho corporal, dentro de uma abordagem junguiana, que possibilitam a recuperação do estado normal peculiar a cada indivíduo em acordo com o ambiente que o circunda.

Farah, R. M. (1995) publica “Integração Psicofísica”, o primeiro livro após o falecimento de Sándor explicando detalhadamente seu trabalho, com um extenso capítulo sobre a Calatonia, pela Companhia Ilimitada e Robe Editorial. Nele a Calatonia tem posição de destaque entre as técnicas de abordagem corporal, por seu caráter especial de estimulação e por se constituir numa metodologia de trabalho amplo e efetivo alcance no atendimento psicológico em geral, e no trabalho psicoterápico em particular.

Delmanto, S. (1997) publica seu livro “Toques Sutis”, ilustrando-o com fotos e textos de outros autores que lhe pareceram condizentes com as ilustrações.

Duran, S. M. G. T. (1997) apresenta sua Dissertação de Mestrado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sobre o método corporal de Pethö Sándor no atendimento psicoterapêutico a um grupo de usuários de uma unidade básica de saúde,

Farah, R. M. (1998) publica A Calatonia de Pethö Sándor – uma breve apresentação, na Revista Hermes.

Leme, E. (1998) apresenta sua Dissertação de Mestrado no Instituto de Psicologia da USP, departamento de Psicologia Escolar, com o título “O Corpo Sentido no Processo Educativo: uma abordagem fenomenológica.

Alvares, M. S. (2001) apresenta sua Dissertação de Mestrado na Unesp, em Assis, sobre Métodos de Trabalho Corporal, onde a Calatonia aparece como recurso importante.

Armando, M. D. e Oliveira, L. (2002) publicam, na revista Jung e Corpo, artigo que trata da ressonância bi-pessoal do trabalho de toques sutis criado por Sándor, incluindo a Calatonia, com o título “Tocar e Ser Tocado”.

Toledo, P. M. F°. (2002) publica o artigo “Iniciando pelos Pés”, também na revista Jung e Corpo onde, discorrendo sobre a simbologia dos pés nos mitos, nas religiões, no corpo humano, cita a Calatonia como a primeira contribuição de Sándor para a cura da humanidade.

Toledo, P. M. F°. (2002) publica o artigo “Iniciando pelos Pés” na Revista Jung e Corpo, Ano II, nº 2, onde discorre sobre a simbologia dos pés em diversas áreas do conhecimento, e onde a Calatonia é citada por terem sido os pés a parte do corpo escolhida por Sándor para iniciar sua contribuição para a cura da humanidade.

Arcuri, I. P. G. (2004) publica “Técnicas Expressivas Coligadas ao Trabalho Corporal” na Revista Hermes nº 9, onde descreve o uso de técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal como uma contribuição à ampliação do entendimento e do desenvolvimento de uma outra vida de acesso à psique humana, e entre elas a Calatonia.

Arcuri, I. P. G. (2004) publica seu livro “Arteterapia de Corpo e Alma, onde alia o uso da Calatonia à arteterapia.

Delmanto, S. (2004) publica “A Corporificação dos Sonhos através da Calatonia” na Revista Hermes, onde apresenta uma conduta terapêutica que usa a Calatonia como um recurso que pode favorecer a corporificação dos sonhos, podendo mobilizar o alcance da compreensão dos conteúdos oníricos.

Arcuri, I. P. G. (2005) tem sua palestra “Depressão, Calatonia e Arte” publicada nos Anais do III Congresso Interamericano de Psicologia da Saúde: Territórios e

Percursos do Psicólogo Hospitalar – Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Lemos, L. H. C. e Henry, B. (2005) publicam “Psicoterapia e Toques Sutis” na Revista Hermes, artigo que discute as bases de uma psicoterapia sustentada por uma visão do ser humano em que psique e corpo são manifestações de um ser integrado, citando a Calatonia por mobilizar e atingir todos os níveis da pessoa.

Penna, L. C. (2005) publica, na Revista Hermes, “O Tempo e o Espaço na Calatonia”, um ensaio sobre o papel das imagens durante a Calatonia, destacando a função integradora das imagens espontâneas e propondo que sua ocorrência é sincronística com o momento existencial da pessoa.

Conte, D. L. (2007) publica sua monografia para obtenção de Especialização em Psicologia e Saúde na Revista da CAPSI.

Armando, M. D. (2006) publica, na Revista Hermes, “A Calatonia e o Numinoso” um texto que apresenta argumentos e fatos que descrevem a Calatonia como um facilitador para o contato com o numinoso.

Benevides, M. L. S. (2006) publica, na mesma Revista, “Calatonia: Um Método de Psicoterapia Profunda em Psicossomática”, artigo que coloca a Calatonia no universo das técnicas corporais tradicionalmente utilizadas em Psicossomática, reafirmando-a como um método de psicoterapia profunda de base analítica junguiana e postura holística.

Arcuri, I. P. G. publica o livro “O Corpo Secreto e a Arteterapia: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal, onde a proposta é compreender uma nova via de acesso à psique humana mediada pela arteterapia e a Calatonia

5 O NUMINOSO

O termo “numinoso” vem da filosofia e da teologia e se refere a uma qualidade de fenômenos que não pertencem ao nosso cotidiano, que não se incluem nas nossas categorias de tempo e de espaço e que estão, de certo modo, no eterno e no absoluto. É um confronto com uma força psíquica que encerra um significado ainda não revelado, que produz no ser humano uma carga emocional de uma intensidade tal que o transforma. Essa transformação pode ocorrer como um alargamento da consciência, ou pode se dar no caminho da destruição: conteúdos inconscientes rompem a barreira do ego dominando a consciência do mesmo modo que o fazem em situações patológicas.

Se percorrermos a obra de Jung à procura dos textos que discorrem sobre o numinoso, podemos deduzir que a escolha do termo, emprestado de Rudolf Otto (1992), se dá pela característica peculiar de irracionalidade que lhe é conferida:

Chamamos “racional” na idéia do divino ao que pode ser claramente captado pelo nosso entendimento e passar para o domínio dos conceitos que nos são familiares e susceptíveis de definição. Por outro lado, afirmamos que abaixo deste domínio de pura clareza se encontra uma obscura profundidade que nos escapa, não ao sentimento, mas aos nossos conceitos e a que, por esta razão, chamamos “o irracional”. (OTTO, 1992, p. 86)

O numinoso, para Otto, refere-se ao sagrado abstraído de seus elementos de moral e racionalidade. “Normalmente entendemos, por esta palavra, um predicado de ordem ética, sinônimo do absolutamente moral e perfeitamente bom” (OTTO, 1992, p. 13). E, um pouco mais adiante: “Vamos servir-nos dele ao longo do nosso estudo, pelo menos provisoriamente, para designar o sagrado, abstraindo do seu elemento moral e, acrescente-se, de todo o elemento racional”. (OTTO, 1992, p. 14). Trata-se de um sentimento profundo, cujo objeto continua na obscuridade da experiência. É

o sentimento fascinante do numinoso, que possui uma qualidade impossível de ser apreendida pela lógica. É impactante por marcar na alma a relação com a transcendência. E é, por esse motivo, transformador.

A respeito do numinoso, encontramos em Otto (1992) a seguinte definição:

[...] Uma existência ou um efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. De qualquer modo, tal como o *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente e em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos, a regra universal. (JUNG, 1978, par. 6)

Ainda em Otto (1992) encontramos que, não sendo racional, não pode desenvolver-se por conceitos, portanto só pode ser indicado através do sentimento provocado em nós mediante um contato com ele.

É – diríamos – de tal natureza que arrebatava e comovia desta ou daquela maneira a alma humana. É a tonalidade desta emoção que devemos procurar fazer compreender, demonstrando, ainda aqui, as suas relações e a sua oposição e sentimentos próximos, esforçando-nos, ao mesmo tempo, por dá-lo a conhecer, como por ressonância, através de expressões simbólicas. (p. 21)

O numinoso não pode ser conquistado, só podemos nos abrir para ele. É uma característica de toda experiência religiosa, no sentido que Jung dá à palavra religião, aquela que, ao contrário de uma religião corrompida pelo mundanismo, não perdeu o mistério vivo (JUNG, 1978). É a abertura para o inconsciente coletivo, para o arquétipo de Deus, para o Si-mesmo. Ao atribuir ao homem a qualidade de ter a divindade dentro de si, ele diz que existe um Outro dentro de nós, que não é o ego,

e com o qual o Si-mesmo é identificado e que é, portanto, responsável por todo o processo de individuação. Eisendrath e Dawson, baseando-se em Jung, mostram que

O Si-mesmo é como uma multidão ...sendo nós mesmos, somos também como muitos. É impossível se individualizar sem estar com outros seres humanos ... Ser um indivíduo é sempre um elo em uma corrente... quão pouco se pode existir ... sem responsabilidades e obrigações e a relação de outras pessoas consigo mesmo ... O Si-mesmo... planta-nos na estranheza – de outras pessoas e do transcendente. (EISENDRATH/DAWSON, 2002, p. 280)

Jung faz uma diferença clara entre religião e confissão de fé, dizendo ser esta um fenômeno relativo à “uma sociedade organizada que professa coletivamente uma crença específica ou um determinado modo de agir ético” (JUNG, 2003) Já a religião é considerada por Jung como uma função natural da psique, isto é, o relacionamento com o transcendente é visto como sendo uma característica humana, ontológica, o que o faz referir-se ao homem como *homo religiosus*. O *homo religiosus* é aquele que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral (JUNG, 1978). É também aquele que possui a capacidade de apreender a relação com o transcendente como se este fosse o Outro.

Embora Jung (1978), discorrendo sobre religião, valorize a experiência imediata, as crenças religiosas não são por ele desvalorizadas em si. Ao contrário, ele acredita que devemos unir nossa experiência individual religiosa imediata com o numinoso às convicções das religiões coletivas. O conhecimento coletivo de Deus nos oferece a proteção necessária ao grande perigo da inflação do ego.

A palavra religião vem do latim *religio*, derivada de *religare*, tornar a ligar, que na tradição judaico-cristã refere-se à ligação de Deus com o homem, através do advento de Cristo. “A distância entre Deus e o ser humano é tão grande que Javé se

vê obrigado a estabelecer uma ligação entre os homens – ele manda o seu próprio filho – e envia uma mensagem [o evangelho] a eles”. (JUNG, 2003, par. 192)

A religião é a ponte entre o homem e Deus. Essa definição cabe melhor ao sentido que Jung dá à *confissão de fé*. Mas *religio* pode também ser derivada de *religere*, que significa “considerar cuidadosamente, examinar de novo, refletir bem”, significado este que traduz melhor o sentido que Jung (1978) dá à palavra *religio*, que é o de

[...] uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como “potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados. (par. 8)

Otto (1992) inicia assim o terceiro capítulo de seu livro “O Sagrado”:

Convidamos o leitor a fixar a atenção num momento em que experimentou uma emoção religiosa profunda e, na medida do possível, exclusivamente religiosa. Se não for capaz ou se até não conhece tais momentos, pedimos-lhe que termine aqui a sua leitura. (p. 17)

O autor aqui se refere à experiência viva, ao contato com o transcendente que se manifesta através de imagens, que domina o ego, que independe de sua vontade, cuja ocorrência coloca o ego sob a égide do arquétipo do Si-mesmo.

... Conforme testemunho da história, esta imagem é numinosa e, por isso, só pode ser respondida por outra numinosidade. Ela atinge a imago Dei, o arquétipo do Si-mesmo em nós, e assim desperta este último. Torna-se “constelado” e, devido à sua numinosidade, força a pessoa à totalidade, isto é, à integração do inconsciente ou à subordinação do eu à “vontade” integral que, com razão, é entendida como “vontade de Deus”. [...] Totalidade não pode ser consciente, pois abrange também o inconsciente. Ela é, ao menos em sua metade, um estado transcendental, portanto é mística e numinosa. (JUNG, 2002, p. 189)

Rios⁵ descreve o numinoso como sendo o efeito provocado pelo contato com os arquétipos . Em sua descrição diz que mitologicamente podemos encontrar imagens significativas deste encontro na cena entre Zeus e Sêmele, por exemplo, na qual ela, mortal, pede a Zeus que se mostre para ela em toda a sua magnitude. Ele a adverte de que ela não irá agüentar, mas ela insiste; ele então se mostra e ela morre carbonizada. O contato com o numinoso, se acontece sem a devida e necessária preparação, tem força suficiente para destruir o ego humano. Para isso a humanidade sempre cuidou de estabelecer rituais e liturgias que a protegessem da destruição e que funcionam, socialmente, como mecanismos de defesa psíquicos. O ritual coloca o contato com o numinoso dentro de um contexto, num tempo e num espaço e garante, pela intermediação de alguém que conhece os caminhos, que os efeitos possam ser controlados e integrados.

Continuando sua descrição, Rios observa que, dentro do desenvolvimento da personalidade a criança encontra, ao nascer, um mundo sobrepujante, frente ao qual seu ego, ainda incipiente, atualiza mecanismos de defesa contra a ansiedade. A criança entende como perigoso tanto o mundo externo com suas demandas e infinita variedade, quanto o mundo interno, inconsciente.

Prossegue dizendo que se acredita que existe, em tudo o que é vivo, uma tendência ao crescimento organizado. A linha junguiana postula o arquétipo do Si-mesmo⁶ como princípio organizador de toda a psique. Dentro do crescimento ordenado pelo Si-mesmo o ego vai sendo apresentado gradualmente às demandas internas e externas necessárias ao ser em desenvolvimento, e vai assimilando gradualmente os conteúdos do inconsciente. No desenvolvimento normal, os mecanismos de defesa protegem da ansiedade de forma eficiente. Mas se, por alguma razão, o

⁵ Comunicação Verbal

⁶ Por Si-mesmo Jung (1982) entende uma grandeza mais abrangente que o ego, que não ocupa o lugar dele, mas o inclui. É um todo organizado do qual o ego é apenas uma parte, ainda que essencial. É uma força orientadora no sentido de realizar o potencial do indivíduo. (EISENDRATH/DAWSON, 2002)

amadurecimento do ego se der de modo muito unilateral, no qual apenas um dos lados de um conteúdo vai sendo assimilado pela consciência, enquanto seu oposto permanece sistematicamente relegado ao inconsciente, a tensão psíquica entre consciente e inconsciente vai aumentando, até que irrompa na consciência alguma imagem arquetípica com seu efeito numinoso, numa tentativa do Si-mesmo (princípio que tende à completude psíquica) de compensar a unilateralidade consciente. A irrupção da imagem arquetípica com sua intensidade emocional típica do fenômeno numinoso é sempre entendida pelo ego como uma violência. Se tal conteúdo foi sendo sistematicamente relegado à sombra, isto significa que o ego não tinha suficiente flexibilidade para integrá-lo. Assim, a tensão entre consciência e inconsciente vai aumentando, e vão se constelando imagens cada vez mais profundas e com carga emocional suficiente para produzir uma transformação.

Essas imagens são numinosas, porque carregam em si o potencial de renovação e destruição. Frente à imagem arquetípica, com sua grande carga emocional, ou o ego infla, identificando-se com a imagem constelada, ou se destrói, configurando um surto. A alternativa criativa é a mudança de todo o sistema de elaboração de significado do ego para que ele possa, a partir de um ponto de vista mais elevado, integrar o novo conteúdo evocado. Este impulso para o crescimento e para o alargamento do campo de consciência é o efeito transformador do contato com o numinoso.

Em “Memórias, Sonhos, Reflexões” Jung (1975) relata uma experiência que o marcou ao longo de toda a sua vida: aos doze anos, passando pela Catedral de Basileia, ao meio dia de um dia ensolarado e deslumbrado pelo espetáculo do sol brilhando sobre o teto da Catedral, Jung imaginou Deus, no céu azul, sentado em um trono de ouro. Em seguida, um pensamento extremamente perturbador começou a atormentá-lo; algo que não podia ser pensado, que lhe trazia uma sensação terrível, asfixiante, mas que, ao mesmo tempo, teimava em aparecer, por mais que Jung lutasse contra. E algo tão terrível, para ele, só poderia ser um pensamento contra o Espírito Santo que, de acordo com o que lhe havia sido ensinado, seria o maior dos pecados. Passou três dias atormentado por essa ameaça e, na terceira noite mal dormida, chegou à conclusão que era vontade de Deus que ele deixasse o

pensamento emergir: diante de seus olhos apareceu então Deus, sentado em seu trono de ouro, muito acima do mundo e, embaixo do trono, um enorme excremento caindo sobre o teto da Catedral, despedaçando-a.

A seguir, sentiu um enorme alívio e uma liberação indescritível, achando que a graça descera sobre ele, porque a bondade e a sabedoria de Deus lhe haviam sido reveladas: conheceu um Deus vivo e onipotente, acima da Bíblia e da Igreja, que não se prende às tradições, que liberta o homem e que também pode obrigá-lo a renunciar às próprias convicções. Um Deus que também poderia ser terrível, uma vez que o fizera passar por tal tormento, um Deus que criou Adão e Eva puros, mas que também criou o mal que os acometeu. Essa visão de Jung foi uma visão numinosa.

O princípio final que podemos conceber é Deus. Princípios, quando reduzidos às suas essências, são simplesmente aspectos de Deus. Bem e mal são princípios de nosso julgamento ético mas, reduzidos às suas raízes ontológicas são “começos”, aspectos de Deus, nomes para Deus. Em qualquer ocasião, portanto, em que me defronto com um fato ou acontecimento paradoxal, por meio de um excesso de afeto ou numa situação excessivamente emocional, eu estou em última instância encontrando um aspecto de Deus, o qual eu não posso julgar logicamente e não posso conquistar porque ele é mais forte do que eu – porque, em outras palavras, ele tem uma qualidade numinosa, e eu estou frente a frente com o que Rudolf Otto chama o *tremendum* e o *fascinsum*. (JUNG, 1971, par. 864)

A experiência do numinoso é um momento de não dualidade com o que nos cerca. É um momento em que a consciência se volta para algo que está além dela, maior que ela e que a transcende. É o ato maior de entrega de um ego bem estruturado, que se rende ao Si-mesmo, consciente e ativamente.

6 MÉTODO

Para a realização desse estudo foi privilegiado como método de investigação e de interpretação a pesquisa qualitativa, por centrar sua atenção no específico, no peculiar, no individual, buscando uma possível compreensão da experiência e não sua explicação (MARTINS; BICUDO, 1994). O método qualitativo é entendido como uma maneira de preencher as lacunas do conhecimento por meio da compreensão da experiência. (LEFÈVRE, 2003).

A pesquisa qualitativa escolhe o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, tem um caráter descritivo, narrativo, seu enfoque é indutivo e contempla o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. (NEVES, 1996)

Por considerar a Calatonia um método de relaxamento que promove a emergência de imagens, a pesquisa qualitativa sobre um de seus possíveis efeitos foi a que se mostrou a mais adequada, uma vez que os resultados se basearam em narrativas dos sujeitos, bem como em informações da situação de interação entre pesquisador e sujeito.

O sentido que uma situação tem para a própria pessoa é uma experiência íntima que geralmente escapa à observação do psicólogo, pois o ser humano não é transparente; para desvendar sua experiência o pesquisador precisa de informações a esse respeito, fornecidas pela própria pessoa. (FORGHIERI, 2004, p. 58)

Nessa pesquisa, em nenhum momento foi pretendida a generalização, mas sim um possível modo de compreender o fenômeno do contato com o numinoso, que possa ser útil em casos futuros.

6.1. Participantes

Participaram da pesquisa onze psicólogos, com idades entre 28 e 54 anos, com renda familiar entre R\$2.000,00 e R\$25.000,00, alunos do curso “Jung e Corpo, Formação em Psicologia Analítica e Abordagem Corporal”, do Instituto Sedes Sapientiae, na cidade de São Paulo. Esse curso visa formar psicoterapeutas que, instrumentados por aulas teóricas, sejam capazes de atender em psicoterapia tendo como base a Psicologia Analítica de Jung, com a possibilidade de utilização de técnicas corporais específicas, e do qual sou professora da matéria “Técnicas de Abordagem Corporal”. Foram escolhidos dez mulheres e um homem por ser essa a proporção comparável à dos alunos do curso.

A escolha por alunos do curso citado deveu-se ao pressuposto de que a observação poderia ser mais facilitada, por se tratar de pessoas que não apresentavam resistência à abordagem corporal. As aulas sobre a Calatonia ainda não haviam sido dadas.

Critérios de inclusão e exclusão:

Para essa pesquisa foi oferecida a aplicação da Calatonia a todos os alunos que cursavam o terceiro ano do curso de especialização Jung e Corpo – Formação em Psicologia Analítica e Abordagem Corporal, citado anteriormente.

Seriam excluídos alunos que não estivessem gozando de boa saúde mental ou física, a saber: portadores de distúrbios mentais, como depressão, transtorno obsessivo compulsivo e esquizofrenia, ou estados febris com temperatura elevada, usuários de drogas, micose nos pés, hemorragias.

Portadores de distúrbios mentais, usuários de drogas, ou estados febris com temperatura elevada seriam excluídos pela possibilidade desses estados alterarem os resultados das observações, ou seja, percepções cinestésicas, sensoriais, e das imagens. A micose seria excludente por ser contagiosa e hemorragias poderiam ser

intensificadas por causa da vaso-dilatação decorrente do estado de relaxamento. Seriam excluídos também portadores de quaisquer distúrbios que pudessem influir na aplicação e na observação da Calatonia.

Nenhuma dessas possibilidades ocorreu entre os alunos que se dispuseram a cooperar com a pesquisa.

Local e data das observações:

A aplicação e a observação dos onze sujeitos foi feita na sala de atendimento em consultório particular, situado à Rua Coronel Artur de Godoy, 45, bairro Vila Mariana, cidade de São Paulo. A aplicação das sessões de Calatonia estendeu-se por um período de dois meses e uma semana, com início em 8 de setembro e término em 1 de dezembro de 2004, com intervalos variáveis entre as sessões. A décima primeira aluna participou da pesquisa durante o período de 26 de setembro a 10 de outubro de 2005.

6.2 Instrumentos

6.2.1. Para Coleta dos dados

Os instrumentos utilizados na pesquisa para a coleta de dados foram:

Entrevista semi-dirigida: para coletar dados sócio-demográficos, tais como: sexo, idade, estado civil, filhos, escolaridade, religião, experiência anterior com a Calatonia.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Entrevista e Publicação, baseado na Resolução CFP número 16/2000 que prescreve sobre a realização da Pesquisa em Psicologia com seres humanos (anexo 3).

Calatonia: aplicação da técnica criada por Pethö Sándor (Sándor e outros, 1982), já descrita no capítulo nº 3, que consiste na aplicação de toques suaves nos dedos e plantas dos pés, tornozelos e convergência dos ventres do tríceps sural.

Relato escrito dos participantes após passarem por cada uma das três sessões de Calatonia e depois de decorridos trinta dias da última.

Conceituação do numinoso por escrito, pedida aos participantes depois de decorridos trinta dias da última sessão de Calatonia.

6.2.2. Para Análise dos Dados

Foram feitas descrições de cada atendimento, incluindo o que se passou na entrevista e na aplicação da Calatonia, contemplando dois momentos descritos por Forghieri (2004, p. 60) que, embora representados separadamente, na prática são paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis, predominando ora um, ora outro. São eles o *envolvimento existencial* e o *distanciamento reflexivo*. Esses dois momentos se justificam como meio de se poder entrar em contato profundo com os participantes, e assim procurar captar em sua totalidade a experiência relatada por eles.

O *envolvimento existencial* exige que o pesquisador coloque fora de ação seus conhecimentos anteriores sobre o objeto de seu estudo, para então penetrar na vivência que está investigando de modo espontâneo e experiencial, enquanto que o *distanciamento reflexivo* pede ao pesquisador que procure distanciar-se da vivência para poder refletir sobre ela e tentar captar e enunciar descritivamente seu significado.

Porém, o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo de ligação com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível

da própria vivência. Tal enunciação, portanto, não deve ser feita em termos científicos e sim em linguagem simples, semelhante à que é utilizada na vida cotidiana. (FORGHIERI, 2004, p. 61)

Quanto ao primeiro momento, o *envolvimento existencial*, ao aplicar a Calatonia a postura correta do terapeuta é a de afastamento das coisas que estão ocorrendo ao seu redor, de seus próprios pensamentos e conhecimentos teóricos anteriores, procurando centralizar a atenção no que está acontecendo com o paciente, consigo mesmo e entre ambos, observando somente. Quando o terapeuta trabalha diretamente com o corpo do paciente é impossível não entrar na relação com o próprio corpo. “...Por trás ‘dos bastidores das palavras faladas’ o corpo do terapeuta e do paciente vivem o evento, assim como suas repercussões recíprocas”. (ANTUNES, C. A., 1986, p. 95).

Essa é uma situação contratransferencial, onde a condição corporal do paciente é percebida através do corpo do terapeuta. Em geral é de difícil explicação objetiva, uma vez que se trata de um acontecimento que se dá em um plano irracional, no plano da subjetividade; é uma percepção corporal da reação do paciente aos toques da Calatonia. Para uma possível explicação do fenômeno, podemos nos aproximar do conceito de *corpo sutil*, como explicado por Jung em Nietzsche's Zarathustra – Notes of the Seminar (1988, p. 441).

De acordo com ele, conhece-se muito pouco a respeito desse estranho conceito. Refere-se à idéia primitiva de *corpo de respiração (ou pneuma)*, identificando-o com o inconsciente somático:

Veja, quando falamos do inconsciente nós nos referimos ao inconsciente psicológico, que é um conceito possível; nós estamos, então, relacionando-o a certos fatores no consciente que realmente podemos compreender e discriminar. Mas a parte do inconsciente que é designada como corpo sutil torna-se mais e mais identificada com o funcionamento do corpo, portanto torna-se cada vez mais sombria e termina na completa escuridão da matéria; esse aspecto do inconsciente é totalmente incompreensível. Eu só mencionei isso porque lidando com o conceito de Nietzsche de Si-Mesmo

temos que incluir um corpo, portanto temos que incluir não apenas a sombra – o inconsciente psicológico – mas também o inconsciente fisiológico, o assim chamado inconsciente somático, que é o corpo sutil. Veja, em algum lugar nosso inconsciente torna-se material, porque o corpo é a unidade vivente, e a nossa consciência e a nossa inconsciência estão inseridas nele; elas contatam o corpo ⁷. (JUNG, 1988, p.441)

Schwartz-Salant (1989) amplifica o conceito de Jung referindo-se ao corpo sutil como um veículo que pode ser projetado, percebido imaginalmente e vivenciado entre duas pessoas, explicando não ser importante ele existir ou não, mas sim que ele seja percebido: “O corpo sutil pode ser vivenciado no âmbito imaginal como uma espécie de campo energético que se expande a partir de nosso ser físico. Ainda que invisível às percepções comuns, ele pode ser visto imaginalmente”. (SCHWARTZ-SALANT, 1989, p. 163)

A respeito da noção de “campo”, encontramos em Armando e Oliveira (2002)

Ainda dentro da noção de campo, a alteração ocorrida com o toque atua também no analista. Se ele estiver atento às mudanças em seu próprio corpo, poderá obter informações valiosas a respeito de si mesmo e do paciente, evidenciando processos transferenciais e contratransferenciais que de outra forma não seriam tão claros. (p. 21)

Schwartz-Salant (1989), quando se refere à interação de corpos sutis de duas pessoas, numa relação de transferência e contratransferência, afirma:

Duas pessoas podem se tornar conscientes de um estado em que seus corpos sutis estejam interagindo. Esta experiência é muitas vezes sentida como uma mudança na qualidade do espaço entre elas, algo que é vivenciado como se estivesse energizado e fosse de natureza mais material. (p.163-164)

⁷ tradução da autora

O terapeuta sensível a esse fenômeno consegue exprimir dessa forma essa percepção quando da aplicação da Calatonia: uma mudança na qualidade do espaço entre paciente e terapeuta. É como se esse espaço ficasse mais denso. E essa mudança é percebida no próprio corpo. A referência à percepção corporal do corpo do paciente é um relato posterior de um caminho que foi seguido, na tentativa de explicar um fenômeno que aconteceu em um plano irracional.

Posteriormente foi feita a análise do material surgido durante a vivência. Para este trabalho foi usado o método Construtivo de Jung:

O método construtivo se baseia em apreciar o símbolo, isto é, a imagem onírica ou a fantasia, não mais *semioticamente*, como sinal, por assim dizer, de processos instintivos elementares, mas *simbolicamente*, no verdadeiro sentido, entendendo-se “símbolo” como o termo que melhor traduz um fato complexo e ainda não claramente apreendido pela consciência. (JUNG, 1991, par. 148)

O método Construtivo propõe a interpretação simbólica subjetiva que, de acordo com Antunes (1986),

...é aquela onde o que é figurado pelo inconsciente é relacionado com fatores que pertencem à própria psique do indivíduo. É uma interpretação abrangente, que precisa se utilizar realmente dos métodos generalizante e individualizante. O primeiro, chamado também de amplificação, é um procedimento comparativo, porque nele aparecem os paralelos da história cultural (mitologia, religião, folclore, etnologia), que vão corresponder a determinados símbolos. Dessa forma o símbolo é avaliado apenas do ponto de vista histórico e mitológico, comprovando sua significação e sua validade em termos coletivos. O método individualizante posterior deverá traduzir símbolo em uma linguagem psicológica, sendo o seu significado transferido para o indivíduo e para o seu momento individual. (p. 89 e 90)

Em um outro momento é que, então, o terapeuta irá, já afastado dessa vivência, refletir e analisar o material fornecido pelo paciente a respeito da experiência vivida, para poder amplificá-lo e então compreendê-lo em acordo com os dados pessoais fornecidos pelo paciente.

6.3 Procedimentos:

6.3.1. Para Coleta de Dados

Os participantes foram convidados em sala de aula para fazerem parte, voluntária e gratuitamente, de uma pesquisa para uma Dissertação de Mestrado sobre Calatonia. Dos dezessete alunos da série, dez aceitaram participar da pesquisa. Desses dez, dois desistiram da pesquisa, um por abandono do curso e outra por estar saindo de um leve estado depressivo. Os dois foram substituídos por dois ex-alunos, que também se propuseram a participar da pesquisa voluntária e gratuitamente. Posteriormente, uma aluna se ofereceu para a investigação e foi incluída como participante.

Entrevista semi-dirigida

No primeiro encontro foi realizada a entrevista semidirigida e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. Para isso foram usados os dez minutos iniciais, quando foram retomados os procedimentos que iriam se seguir, uma vez que a explicação já tinha sido dada em sala de aula, na ocasião em que foi feito o convite aos alunos para participar do experimento.

Sessões da Calatonia: Foram realizadas três sessões de Calatonia com cada participante.

Contato inicial: Foram usados os dez minutos iniciais das segunda e terceira sessões para o aquecimento anterior à aplicação da Calatonia, com o intuito de deixar os participantes mais à vontade para o experimento.

Aplicação da Calatonia: Cada sessão teve a duração de trinta minutos. A aplicação foi feita conforme explicação no capítulo quatro.

Recebimento dos relatos: A solicitação dos relatos foi feita ao final de cada sessão. Eles foram entregues no início da sessão seguinte. O último relato foi entregue na semana posterior à terceira sessão.

Recebimento do relato final e da conceituação do numinoso: Foi feito depois de decorridos os trinta dias estipulados no começo do experimento.

Fechamento para os participantes: Foi feito ao final de cada sessão, buscando-se não fazer interpretações do material relatado, a fim de se evitar contaminações e ou mobilizações que pudessem interferir na sessão posterior.

6.3.2. Para análise dos dados

Foi feita a comparação do material escrito pelos participantes (relato das observações, relato final e conceituação pessoal do numinoso) com seus dados pessoais coletados na entrevista semidirigida, para melhor apreensão de seu conteúdo simbólico.

Foi feita também a amplificação dos símbolos surgidos nos relatos escritos para que fosse possível verificar a possibilidade do surgimento de indicadores do contato com o numinoso. Esse procedimento foi fundamentado no método Construtivo de C. G. Jung.

As sensações contratransferenciais e as amplificações realizadas pelo terapeuta foram comparadas, a fim de se verificar correspondências significativas

6.4. Cuidados Éticos

Foi encaminhado o projeto de pesquisa desta Dissertação de Mestrado ao Comitê Ético de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sustentado pela Resolução CFP n. 16/2000, que prescreve sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. O projeto foi considerado em conformidade com os critérios da resolução n. 196/96 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (anexo 3).

Conforme já descrito, foi assinado em 12 de junho de 2006 pelo Prof. Paulo Edgar Almeida Resende, Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos onze participantes observados foram escolhidos dois, duas mulheres, os que mais se adequaram ao objeto deste estudo e que melhor expressaram o resultado deste trabalho.

Segue-se a descrição dos dados obtidos nas entrevistas e nas sessões de Calatonia, além da amplificação dos símbolos e a compreensão desses conteúdos frente à situação psicológica das participantes. Os relatos das sessões são transcrições das observações trazidas por elas, sempre na semana seguinte à vivência com a Calatonia. No anexo 1 encontram-se os relatos dos outros participantes.

PARTICIPANTE N° 1

Nome: Carmen (nome fictício)

Idade: 28 anos

Local de nascimento: São Paulo

Estado civil: solteira

Número de filhos: 0

Profissão: psicóloga

Religião: espírita kardecista

Experiência anterior com a Calatonia: não

Quando da seleção de alunos para o curso, Carmen disse estar procurando-o porque se interessava muito por Jung e também por ter muitos problemas com relação a seu corpo (estava obesa); não gostava de trabalhos corporais e a idéia de ser tocada durante as vivências não lhe era agradável. Tinha a expectativa de, com o curso, poder resolver essa questão.

De início não participava dos trabalhos propostos (essa atitude era permitida em nossas aulas, uma vez que, a nosso ver, trabalhar o corpo sem estar preparada favoreceria o aumento das defesas). Aos poucos, com o transcorrer dos trabalhos, ela começou a participar, e quando propusemos aos alunos participarem de nossa pesquisa, foi uma das primeiras a aceitar. Nesse tempo Carmen já havia passado por uma cirurgia de redução do estômago e tinha deixado de ser obesa, passando a ter um peso compatível com sua altura. Como sempre havia tido um rosto bonito, dava a impressão de estar se sentindo bem melhor com seu corpo.

A sensação de interação dos corpos sutis do terapeuta e do paciente, com a conseqüente percepção de mudança no espaço entre eles, descrita no capítulo Método, foi sentida pela terapeuta intensamente quando da aplicação da Calatonia em Carmen.

Primeira sessão:

Carmen chegou para a primeira sessão um pouco ansiosa, dizendo ser essa a primeira vez que iria passar pela experiência. Tivemos um bom contato como, aliás, já tínhamos durante o curso. Depois de explicados todos os detalhes passamos para a aplicação da Calatonia, da qual segue-se o relato:

“Foi a primeira vez que me submeti à calatonia, também foi a primeira vez que tive imagens durante um trabalho corporal.

No começo, como sempre, tentei acalmar a minha respiração, essa tentativa só me fez ficar mais ansiosa e com a respiração mais acelerada e mais curta. Até que comecei a sentir minhas pernas mais leves e mais presentes, ao mesmo tempo pareciam formigar, me trouxe a lembrança de TPM, cheguei a pensar se eu estava para menstruar ou não, era uma sensação até conhecida. Essa sensação de leveza e de presença foi para todo o corpo e às vezes eu sentia meu corpo pesando...vi uma imagem. Esta imagem, depois de algumas horas do trabalho, me fez pensar nas pessoas que dizem ter morrido por alguns instantes e que viram um túnel, eu via uma pessoa vindo na minha direção, como atrás dela havia muita luz, eu só conseguia ver uma “sombra” negra, com luz em todo o seu contorno, e bolinhas de luzes em todo seu redor.

Vi também uma elefanta, acima de mim, do meu lado direito, ela era um desenho, acho que era rosa, e tinha até uma saíinha, ela estava sentada. Quando tentei olhar para ela, ela desapareceu.

Quando recebi o toque no calcanhar, me veio na hora uma brincadeira da minha infância e a música “Balança caixão, balança você, dá um tapa na bunda e vai se esconder”, mas a palavra caixão me assustou quando pensei nela e me veio à

cabeça a música da brincadeira “Corre cotia, na casa da tia, corre cipó na casa da vó, lencinho na mão, caiu no chão, moça bonita do meu coração”.

Teve um momento que achei que eu tivesse dormido. Mas não, na verdade eu relaxei muito, me entreguei totalmente. Foi quando notei que a minha respiração estava excessivamente tranqüila, espaçada e menos curta do que no começo do trabalho.

Senti que eu precisava de um toque na cabeça, foi quando o toque na parte inferior do meu corpo parou e recebi o toque na cabeça, na hora vi dois elefantes – machos, fortes – sentados de costas um para o outro (encostados pelas costas), com os pés no chão e “joelhos” próximos ao peito, as patas superiores estavam apoiadas nos “joelhos”. Esses dois elefantes se tornaram quatro com muita rapidez – todos de costas e encostados uns com os outros!

Foi ótimo...é o que tenho a dizer!”

Segunda sessão:

Carmen chegou para a segunda sessão menos ansiosa, mas ainda assim não completamente à vontade, devido, de acordo com ela, à ainda novidade da experiência. Nosso contato continuou fluindo bem. Segue-se o relato da sessão:

“Por mais que eu soubesse que não precisava ter expectativas do trabalho, eu estava tendo, não posso negar e, talvez por esse motivo, eu tenha tido menos sensações físicas que da primeira vez, e as imagens vieram num primeiro momento, no meio e ao final do trabalho, parece que desta vez ficou dividido em partes. Vamos às imagens: logo no início do toque eu vi uma borboleta, me senti como sendo a borboleta e voando sobre um lago, depois eu voltava a ser quem olhava essa

borboleta, ela passava pelo lago e deixava “marcas”, “ondas” nessa água, parece que ela tinha um pedacinho de cauda!

Ela era linda, nas cores azul e rosa, eu a via de lado e suas asas tinham pontas (não eram arredondadas). Depois vi uma borboleta voando para cima, em espiral, na hora me veio à mente o processo do desenvolvimento – que ocorre em espiral – essa borboleta também tinha um pedaço de cauda – achei isso muito interessante!

Lá pro meio do trabalho eu vi um triângulo – achava que era uma pirâmide, mas não, era um triângulo mesmo e no pico dele havia uma luz amarela muito forte, achei que fosse o sol, mas essa imagem foi se aproximando mais e mais e quando estava bem próxima eu vi um olho na ponta deste triângulo com muita luz em torno dele..

Quando recebi o toque na cabeça eu vi um lago e começou a cair gotas de água nele, fazendo aquelas rodas no lago, de repente começou a chover e achei que meus olhos eram o lago, e sentia meus olhos piscando freneticamente, a chuva ficou mais forte, aos poucos foi parando, parando até que voltei a ver algumas poucas rodas se formando no lago, foi diminuindo até parar, parou junto com o toque final, na cabeça.

A sensação corporal, que pra mim é maravilhosa, é a respiração, que fica tranqüila, quase parando”.

Terceira sessão:

Desta vez Carmem chegou tranqüila, já adaptada à experiência. O relato, entregue uma semana depois, foi o seguinte:

“Comecei a ver um rio, vi uma menina brincando às margens desse rio com outra menina – me recordei do filme Nell e cenas do filme começaram a acontecer, o que

ficou muito forte foi a imagem da mão tocando o outro, num momento as mãos da menina pegavam uma mão da mulher e uma mão do homem e as levava aos rostos um do outro. Achei isso lindo!

Lembro-me de ter visto animais, vi coruja, elefante e rato.

Quando recebi o toque na cabeça, eu vi o globo terrestre, e então uma mão foi colocada sobre ele e mais mãos foram surgindo, até que o globo ficou completamente coberto por mãos (de todos os tamanhos e raças, brancos, negros, índios, asiáticos, etc). Quando essas mãos foram sendo tiradas o que eu via era que o globo não existia mais, mas sim o topo da cabeça de uma figura, indiana eu acho, não entendo essas imagens indianas que tenho tido, pois nunca tive contato com essa cultura, comecei a procurar saber um pouco mais por causa da calatonia.”

Depois de trinta dias:

“Eu adorava as sessões de calatonia! Me sentia relaxada e mexida... nunca pensei que pudessem mexer tanto... eu achava que nada fosse acontecer, muito menos acreditava em ter imagens, e tive muitas! E foram incríveis! A figura do elefante foi demais, eram imagens indianas, as quais nunca havia tido contato – deve ser o inconsciente coletivo... não faço a mínima idéia! Fui atrás, pela internet, dessa imagem do elefante e me surpreendi quando o vi idêntico... cor de rosa... sentado com as pernas cruzadas... mais tarde, quando nem estava mais recebendo as sessões de calatonia ouvi falar que ele abre os caminhos... e é verdade. Como a minha vida mudou, mudei uns oitenta por cento da pessoa que eu era para quem sou hoje!!!

Eu saía das sessões super pensativa, até tive o impulso de fazer terapia, mas ainda não foi possível, mas acho que as coisas estão caminhando muito bem e estou conseguindo lidar com meus sentimentos... as situações muito bem, e sem deixar de olhar para tudo, ou quase tudo!

Teve uma sessão em que me senti como se estivesse desprendida do meu corpo, como se meu espírito tivesse realmente se desprendido do meu corpo! Foi uma sensação maravilhosa!!! A sessão em que vi a chuva também foi ótima... me senti mais próxima de Deus!!!

Conceituação pessoal de numinoso:

O que é numinoso pra mim? Acho que é algo muito elevado, superior, divino mesmo!”

Interpretação:

Carmen nos dá indicadores de um contato com o numinoso através de seu encantamento com fato de ter tido imagens, o que ela achava não ser possível acontecer. Ao contrário de outras participantes que também viram imagens pela primeira vez, a intensidade da experiência de Carmen diferencia-a das experiências das outras.

A primeira imagem vista por ela foi a de uma pessoa envolta em muita luz. A luz simboliza o poder fecundante uraniano (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988). Ligada às tradições religiosas, remete-nos ao mito cristão da Virgem: “Na tradição cristã a visitação de Maria pela Pomba que encarna o Espírito Santo pôde ser considerada como uma expressão de manifestação da luz” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988).

Principalmente a imagem do elefante foi, para ela, transformadora, se considerarmos a associação que ela faz do significado simbólico dessa figura na Índia com as mudanças ocorridas em sua vida depois da experiência com a Calatonia. Carmem rendeu-se às imagens, ao poder transformador do arquétipo.

Pode-se pensar que já se propunha uma transformação em Carmem quando chegou para as sessões de Calatonia. Os símbolos que apareceram direcionam para que se pense isso. Na Índia o elefante simboliza a sabedoria e a força. Ganesha, representante do princípio da manifestação (CHEVALIER e GHERBRANT, 1988) possui cabeça de elefante. É símbolo do poder real, da sabedoria, da paz e da felicidade (BECKER, 1999). Serve de montaria a Indra, o rei celeste, deus da fertilidade e da chuva; o efeito do poder real é a paz, a prosperidade; a força do elefante dá àqueles que a invocam tudo quanto podem desejar (CHEVALIER e GHERRBRANT, 1988).

A tromba do elefante é associada ao *phallus* masculino, símbolo da fertilidade, da mesma forma que o é a chuva, que aparece na segunda sessão de Calatonia.

O elefante está associado também à obesidade, na medida em que o animal, por seu tamanho, representa força, sustentação, solidez. Pessoas emocionalmente fragilizadas podem recorrer a uma alimentação excessiva como meio de se sentir mais fortes, mais seguras, podendo, com isso, chegar à obesidade.

Desse modo, devido à sua forma e tamanho, o elefante evoca projeções referentes principalmente à solidez, estabilidade, suporte, apoio, segurança, força e proteção. [...]Pode-se pensar numa possível associação entre sustentar, ser sustentado e obesidade. Em uma dinâmica psíquica na qual se sente fragilizado – quer por carência e falta de apoio afetivo ou devido a situações emocionalmente estressantes – o indivíduo pode procurar o alimento como fonte de energia. O excesso alimentar é, portanto uma forma ilusória de sustento. Aqui fica explícita a relação entre tamanho e força. (RAMOS e col.,1999)

Sendo a montaria do deus Indra, o elefante pode ser considerado simbolicamente um condutor que abre caminhos, que direciona. Abrir caminhos, direcionar, orientar são qualidades do Si-mesmo. Por ser o Si-mesmo o arquétipo central, podemos pensar que se fazia necessária uma nova orientação em sua vida. Pode-se pensar também que ela, já livre da obesidade, entra em contato com a figura do elefante

como um passado que volta transformado, como está transformado seu próprio corpo, como que querendo incorporar ela mesma essa força, agora para abrir novos caminhos.

A borboleta, símbolo da psique, é também símbolo de transformação, se pensamos na crisálida como sendo o ovo que contém a potencialidade do ser. A Calatonia facilitou a transformação, confirmada por seu relato, pelo simbolismo da representação imagética, trazendo para a consciência a necessidade da mudança.

Além do elefante e da borboleta, Carmen viu também uma coruja e um rato. Sendo ambos animais ctônicos, ligados à noite, à escuridão, simbolizam o inconsciente. O rato, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1988) está, também ligado ao deus Apolo. Na Ilíada o deus é evocado com o nome de Esminteu, do grego *sminthos* (rato), dando a ele um duplo significado: o rato que propaga a peste e o deus que protege as colheitas contra os ratos. É uma tradição primitiva e agrária de um deus Apolo que envia as doenças e que as cura. Na Índia encontramos um deus rato, filho de Rudra e que teria também este duplo poder, de trazer e curar doenças. A coruja, como o rato, é, também um animal noturno, ligado à escuridão. Ainda em Chevalier e Gheerbrant (1988) encontramos ser a coruja considerada, em muitos Códices, a *guardiã da morada obscura da terra*. É o avatar da noite, da chuva, das tempestades. Está associada ao mesmo tempo à morte e às forças do inconsciente luniterrestre, que comandam as águas, a vegetação e o crescimento em geral. Embora sendo considerada um ser tão tenebroso, ela é portadora de bom augúrio.

Podemos ver novamente a transformação vinda do inconsciente, representada nessas figuras do rato e da coruja: o deus que manda a peste e que a cura, o animal tenebroso, ligado à morte e ao crescimento em geral, trazendo bom augúrio. A doença que se cura e os bons tempos que se prenunciam.

Outra imagem vista por Carmen é a do globo terrestre coberto por mãos de todas as raças. O globo alude ao redondo, à esfera, ao uno, à totalidade, à integração, à qual

se refere também a imagem das mãos de todas as raças. A esfera é representativa também da perfeição. Podemos ver em Chevalier e Gheerbrant (1988): “[...] Se um ser for concebido como perfeito, ele será simbolicamente imaginado como uma esfera. Ele realiza a eqüidistância em relação ao centro interior de todos os pontos da superfície da esfera”. Por tudo isso é, também, símbolo do Si-mesmo.

Na última sessão ela conta ter se sentido mais próxima de Deus sem, aparentemente, ter-se dado conta de que o triângulo, imagem vista na segunda sessão, é, entre outros, símbolo da divindade (o triângulo, simbolicamente, não pode ser separado do número três): Deus é uno em três pessoas; o triângulo voltado para cima representa a natureza divina do Cristo, enquanto o voltado para baixo é a representação de sua natureza humana; entre os antigos maias está ligado ao sol e à raiz e é duplamente símbolo de fecundidade (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988), como também o é a chuva, outra imagem vista por Carmen em sua terceira sessão de Calatonia. O olho envolto em luz faz parte das visões de Jacob Böhme, místico alemão do início do século XVIII, retratadas por Alexander Roob (1997, p. 243) e representa o olho sagrado, o olho no qual eu vejo Deus e Ele me vê. Novamente temos presente nessas imagens o simbolismo da luz, desta vez ligada ao arquétipo do Si-mesmo, agora sob sua representação maior, Deus.

Essas imagens foram, para Carmen, numinosas, o que pode ser verificado por seu encantamento em tê-las. Elas tiveram, para Carmem, um efeito transformador, característica principal do contato com o numinoso.

Participante nº 2

Nome: Dalva (nome fictício)

Idade: 54 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicóloga

Estado civil: divorciada

Filhos: 2

Experiência anterior com a Calatonia: sim

Religião: católica não praticante

Dalva é terapeuta há trinta anos e conseguiu atingir grande sucesso na profissão. Atende muitos pacientes em seu consultório, dá aulas e ainda consegue tempo para fazer um trabalho social junto a uma favela. Chegou ao consultório sorridente, visivelmente disposta a passar pela experiência proposta. Disse que já fazia muito tempo que não fazia Calatonia, o que era uma pena, pois gostava muito. O “clima” que se criou foi leve, de empatia mútua. Conversamos sobre seu estado emocional atual, para que pudéssemos investigar se haveria algum impedimento para a aplicação da Calatonia. Como não havia, propusemos que fosse iniciada a sessão. Esse procedimento foi feito em cada uma das sessões.

Durante a aplicação da técnica, como no caso de Carmem, foram sentidas pela terapeuta as mesmas sensações contratransferenciais de percepção do campo formado entre nossos corpos sutis.

Seguem-se as transcrições dos relatos:

Primeira sessão:

Tive uma imagem: a de um fio, como se o dedo indicador fizesse uma conexão com uma extensão que passava pelo meu dedo e ia além, brilhante, branco. Me lembra a imagem da Criação de Adão, da Capela Sixtina. Estou me sentindo com a mesma emoção de quando estive lá (disse isso chorando) . A pintura é a representação de

não estar só. É a união de Deus com o homem. Acho que eu perdi essa ligação com Deus; meu dedo não está lá, porque o outro dedo também não está. Essa ligação foi perdida quando meu pai morreu e só agora estou me dando conta disso. Ainda não sei o que vou fazer com tudo isso.”

Segunda sessão:

“Vi uma grande quantidade de fios de ligação, como se fosse uma colagem, uma coisa de conexão. Um fio de cabelo de mulher comprido, comprido. Uma cabeleira grande que ia virando dois fios que cresciam e se tornavam um só. Uma grande conexão. Senti um ‘campo de energia’ e uma movimentação desse ‘campo’ e movimentos muito sutis dos pés, que se conectavam com a coluna. Era como se o corpo formasse um retângulo que se dividia e fazia um movimento muito sutil entre as partes, que se fecharam. Parecia uma flor. Era uma dança interna. A sensação era muito agradável. O movimento foi se arredondando e de repente se fechou. Parecia um botão de rosa. Me senti fina e comprida. A partir do toque me senti retirada de qualquer coisa do cotidiano”.

Terceira sessão:

“Muitas imagens bagunçadas, que não ficaram. Apareceu uma coisa até ridícula: Schrek e a vontade de ter meu pântano. Uma imagem que ficou foi a de entrar em um túnel preto e de repente ter a impressão da Catedral de Brasília. Era como se tivesse ficado tudo escuro e de repente vinha uma luz de cima, muito intensa, que lembrava a Catedral. Sensação de muito relaxamento. Sentia suas mãos em nas minhas pernas quando na verdade já estavam na cabeça. Entre uma perna e outra tinha uma força muito forte que as afastava. Muito forte. Depois apagou. Muitas imagens não ficaram. Sumiu a noção de tempo. Quando você foi tocar minha cabeça parecia que eu estava aqui há muito tempo, e a sensação da cabeça é muito agradável, de segurança, de apoio”.

Depois de trinta dias:

“Foi muito forte a vivência dos dedos. Está rendendo até hoje. Abriu-se algo que ainda não fechou. Tem a ver diretamente com Deus, seja lá o que isso signifique. Ainda não sei o quê. Tive uma educação católica, estudei 12 anos em colégio de freiras. Embora não tenha seguido formalmente a religião, isso deixou em mim uma marca, fez de mim uma pessoa religiosa, uma religiosidade minha, interna. Isso se quebrou quando entrei na faculdade. Passei a questionar tudo, a ser muito racional. Depois, aos poucos, fui retomando, até que a morte do meu pai quebrou isso de uma vez, essa ligação entre o ego e algo maior, sem que eu me desse conta. As coisas ficaram rasas.

Com a imagem na Calatonia, essa situação ficou muito clara. Ela me pegou de surpresa, eu não esperava. Já quando eu a vi na Capela Sixtina foi muito forte, fiquei com dor no pescoço de tanto olhar para o alto. Mas não teve o efeito da imagem da Calatonia. Essa continua dentro de mim, cada vez que eu lembro dela, eu choro. Ela me ligou novamente nessa religiosidade interna, que é muito forte, que é só minha. E isso muda muita coisa, porque restabelece uma série de conexões internas, do ego com o inconsciente”.

Conceituação de Numinoso:

“Maior que o Ego, que o Ego não tem recursos para acessar, então fica numa postura de admiração. Engloba o Ego, mas não no sentido de ser engolido, mas no de ser englobado”.

Interpretação:

A imagem vista por Dalva em sua primeira sessão, à qual ela associa a pintura de Michelangelo no teto da Capela Sixtina, remete-nos a uma vivência arquetípica, a busca da unidade, ao desejo profundo do homem de unir-se à fonte criadora. A

palavra religião, etimologicamente, vem do latim “religare”, ligar-se novamente ao Criador, a Deus, ao Si-Mesmo. A própria Capela traz em si o simbolismo dessa união. Por sua transcendência, contém em si os opostos. Ela é considerada a esposa de Cristo e a mãe dos cristãos (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988). É o feminino, o útero que acolhe; é a Santa Madre Igreja, é a casa de Deus habitada pelo padre, seu representante na terra. É a matéria encontrando o espírito.

Jung (1984) entende a energia psíquica, ou libido, como o valor psicológico dos processos psíquicos, que não se refere a valores morais, estéticos ou intelectuais, mas sim à intensidade com que esses processos se manifestam. Funciona dentro de um sistema relativamente fechado, auto-regulador, caracterizado por flutuações energéticas, ou seja, sua quantidade permanece a mesma durante toda a vida da pessoa, o que muda é sua distribuição. É análoga à energia física, seu funcionamento também se dando através da tensão criada por pólos opostos: “Podemos dizer que desde Robert Mayer o conceito de libido no campo da psicologia funcionalmente tem o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física”. (JUNG, 1986b, par. 189) No processo de desenvolvimento do homem distinguem-se dois momentos.

O primeiro refere-se a um tempo na vida em que, para o ego se desenvolver satisfatoriamente, é necessário o afastamento do outro pólo, do inconsciente. Foi isso o que aconteceu com Dalva. O cursar a faculdade parece ter exigido dela um racionalismo, reforçado pelo meio social. Sua religiosidade ficou incompatível com a orientação consciente, o que a fez afastar-se dela. A morte do pai intensificou esse distanciamento.

Se a energia psíquica está orientada para um determinado conteúdo, em detrimento de outro que não pode ser vivido conscientemente nesse momento, a energia correspondente deste irá se alojar no inconsciente.

A experiência no campo da psicologia analítica nos tem mostrado abundantemente que o consciente e o inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo, como nos ensina a experiência, se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência. A razão dessa relação é que: ...a consciência, devido a suas funções dirigidas, exerce uma *inibição* (que Freud chama de censura) sobre todo o material incompatível, em consequência do que este material incompatível mergulha no inconsciente... (JUNG, 1984, par. 132)

Mas num segundo momento aquela parte esquecida irá cobrar seu direito à existência: poderão surgir estados depressivos, irritações, ou até mesmo pode se desenvolver uma neurose. Aparece, então, a necessidade da integração dos opostos.

A auto-regulação energética é regida pelo Si-Mesmo e não pelo ego, embora este seja de suma importância para que o símbolo possa ser conhecido e integrado à consciência e, com isso, promover a transformação que se fazia necessária nesse momento.

A vivência de Dalva com a Calatonia favoreceu uma regressão da libido para a esfera íntima do inconsciente. Quando isso ocorre constelam-se conteúdos antes latentes, arquétipos que, por sua numinosidade e pela introversão da energia, atraem conteúdos da consciência, enriquecidos com a experiência pessoal. Dessa forma, a energia dos arquétipos fica intensificada e, com isso, eles podem se tornar em parte conscientes. Essas introversões ocorrem nos momentos em que é necessária uma nova orientação da libido. Esse mecanismo pode ser posto em funcionamento artificialmente através de qualquer meio que propicie um rebaixamento da atividade do ego.

De acordo com Jung (1986^a), todos os momentos da vida individual em que as leis gerais do destino humano rompem com as intenções, as expectativas e concepções da consciência pessoal são, ao mesmo tempo, etapas do processo de individuação,

que é a realização espontânea do homem total. Quanto mais o homem se torna consciente do seu eu pessoal, mais se distancia do homem coletivo que ele é, criando com isso uma oposição. No entanto, como o Si-mesmo tende sempre para a totalidade, a atitude unilateral da consciência é corrigida e compensada, e o ego é chamado a se integrar a uma personalidade mais ampla.

A energia regredida ativou no inconsciente o arquétipo da *coniunctio*, que se manifestou através da imagem da pintura do teto da Capela Sixtina, que trouxe o símbolo da união dos opostos céu e terra, matéria e espírito, Deus e homem. O símbolo é a forma com que o inconsciente se apresenta para a consciência, para que possa ser conhecido.

O símbolo, quando aparece na consciência, é vivido como uma verdade maior do que as possibilidades de explicação, uma vez que ele nunca poderá ser abarcado em sua totalidade. Assim, o símbolo congrega diferentes dimensões de uma mesma realidade: corpo e mente, matéria e espírito, singular e coletivo, contém em si os opostos e concorre para a estruturação e desenvolvimento da consciência. (ARMANDO e OLIVEIRA, 2002, p. 22)

O relato verbal de Dalva traz a separação entre ela e o que ela chama de “algo maior”, a falta do sentimento de transcendência, que começou a ser vivida durante a época em que cursou a faculdade, mas que ocorreu principalmente com a morte do pai, quando a ligação com o Pai maior sofreu um corte. A energia deixou de fluir livremente, ficou estagnada no complexo. Foi cortada a relação com o Pai maior, com o Si-Mesmo.

[...] Da mesma forma é preciso não só ter uma consciência pessoal do momento presente, mas também uma consciência que transcenda o pessoal, cuja alma perceba a continuidade histórica. Por mais abstrato que possa parecer, é uma realidade encontrada na prática que a causa de inúmeras neuroses está principalmente no fato de as necessidades

religiosas da alma não serem mais levadas a sério, devido à paixão infantil do entendimento racional. (JUNG, 1981, par. 99)

Dalva relaciona a visão de seu dedo fazendo uma conexão com um fio que ia além, brilhante, à imagem vista na Capela Sixtina. Essa imagem leva-a para um nível superior do complexo, a do arquétipo do pai transpessoal. É como se ela fosse libertada do complexo paterno quando se dá conta de que perdeu a conexão com o Pai. A energia pode então voltar a fluir. Alcança-se com isso um novo patamar de significado.

Experimentando o emergir das imagens calatônicas, suas transformações, sobreposições ou fusões entre si, percebe-se o seu dinamismo integrador e ainda outro fator bastante peculiar: a finalidade inerente, isto é, elas surgem prontamente com aquele conteúdo que para os problemas momentâneos do paciente é o mais indicado, abrangendo as áreas necessárias e – como JUNG diria – “constelam” as respectivas esferas vivenciais, as potencialidades.” (SÁNDOR e outros, 1982. p.110).

Pode-se pensar que o complexo paterno de Dalva sofre, aí, uma modificação.

A ferida do pai que foi perdido é curada no plano arquetípico. Daí a grande emoção. Durante a Calatonia Dalva viveu uma restauração desse complexo. O inconsciente apontou um caminho por onde a energia psíquica deveria caminhar. A Calatonia possibilitou a abertura de um canal para que ela pudesse ter essa consciência. A imagem veio investida de grande energia, que se fez perceptível na intensidade da emoção que acompanhou o relato. Isso pode ser entendido como um indicador do contato com o numinoso.

Imagens como a que foi vista por Dalva na primeira sessão de Calatonia são imagens simbólicas, arquetípicas, orientadoras da energia psíquica. É o efeito causado pelo símbolo que indica o contato com o numinoso.

Os arquétipos, quando surgem, têm um caráter pronunciadamente *numinoso*, que poderíamos definir como 'espiritual', para não dizer 'mágico'. Conseqüentemente, este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. O seu efeito, porém, não é claro. Pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza. Este aspecto merece a denominação de 'espiritual' por excelência. Isto é, acontece não raras vezes que o arquétipo aparece sob a forma de *espírito* nos sonhos ou nos produtos da fantasia, ou se comporta inclusive como fantasma. Há uma aura mística em torno de sua numinosidade, e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos. (JUNG, 1984, par.405)

Observamos no relato da segunda sessão a percepção um “campo de energia” que se movimentava, relato esse que nos remete ao conceito de Schwartz-Salant (1989), (já descrito anteriormente, da percepção imaginal dos corpos sutis do paciente e do terapeuta interagindo de maneira a tornar perceptível a formação desse “campo”. Inquirida sobre se tinha conhecimento do texto de Salant respondeu que não. Elucidada a respeito, ficou bastante surpresa, achando muito interessante haver uma teoria que explicasse tal sensação.

Nessa mesma sessão temos de novo o tema da conexão: “um fio de cabelo de mulher, uma cabeleira bem grande que virava dois fios, que se tornavam um só: uma grande conexão”. A simbologia dos cabelos é muito extensa, encontrando-se entre seus símbolos a ligação com a erva, que é a cabeleira da terra e, portanto, com a vegetação. Seu crescimento, para os povos agrários, é a imagem das plantas alimentícias; daí o cuidado de todos os povos primitivos com os cabelos, pois a idéia do crescimento está ligada à da ascensão: o céu derrama as chuvas fecundantes que fazem com que as plantas da terra cresçam até ele, graças ao seu crescimento. São tidos como portadores de força vital (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988). Sansão perdeu sua força quando eles foram cortados. Os gregos os consideravam sede da vida. Guerreiros e sacerdotes não cortavam os cabelos para não perderem sua força física ou espiritual (LURKER, 1997). Quando homens e mulheres entram para determinadas ordens religiosas, seus cabelos são eliminados, como ritual de iniciação. Crê-se que os cabelos conservam relações íntimas com quem os possui depois de separados, por simbolizarem suas propriedades, concentrando

espiritualmente suas virtudes. O corte e o penteado dos cabelos sempre foram determinantes de funções sociais e espirituais. Na França, quando se começou a cortar os cabelos, somente os reis e príncipes podiam mantê-lo grande, pois era insígnia de poder. Sendo culturalmente um dos atributos da mulher, mostrar ou esconder os cabelos podem ser sinal de disponibilidade ou de reserva de uma mulher. A noção de provocação carnal ligada à cabeleira feminina está na origem da tradição cristã. Por isso as mulheres tinham que entrar na igreja cristã com a cabeça coberta. Maria Madalena é representada sempre com os cabelos soltos, sinal de abandono a Deus, porém também uma recordação de sua antiga condição de pecadora (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988). Com eles lavou os pés de Jesus. Em todos esses símbolos está presente a união entre o céu e a terra, matéria e espírito, o mesmo conteúdo pertencente às imagens vistas por Dalva.

Ainda nessa sessão Dalva associa a sensação percebida no corpo a uma flor, sobre a qual CHEVALIER e GHEERBRANT (1988) dizem ser símbolo do princípio passivo: seu cálice, assim como a taça, é o receptáculo da *atividade celeste*, sendo alguns de seus símbolos a chuva e o orvalho. A arte japonesa do arranjo de flores efetua-se conforme um esquema ternário: o galho superior é o do céu, o médio o do homem e o inferior é o mediador entre o céu e a terra. Uma analogia possível com a vivência de Dalva seria a de que seu corpo expressou, através da associação com a flor, a mediação entre o céu e a terra.

No relato da terceira sessão podemos ver outra vez o tema da catedral, agora a de Brasília, aparecendo novamente a representação da união dos opostos: construída na terra, é a casa de Deus e sua arquitetura simboliza duas mãos voltadas para o céu. Nas palavras de seu criador, o arquiteto Oscar Niemayer:

A catedral de Brasília é um dos prédios que mais me agradam na arquitetura da nova capital. É diferente de todas as catedrais já construídas. Procuramos encontrar uma solução compacta, que se apresentasse externamente, de qualquer ângulo, com a mesma pureza. A procura da solução diferente me dominava. Assim que comecei os estudos para a catedral de Brasília, soube que meu projeto deveria, pela sua leveza, ilustrar a técnica contemporânea. Lembro-me das catedrais do passado, refletindo

cada uma o progresso da época em que foram construídas, conquistando o espaço com estruturas audaciosas, fachadas de uma grande beleza ricamente decoradas. Com o concreto armado, que oferece infinitas possibilidades, sabia que poderia ambicionar algo mais. Não era suficiente uma obra importante e original. Devia realizar uma catedral que não precisasse nem de cruz, nem de santos para simbolizar a casa de Deus. Pensei que a catedral de Brasília podia, tal qual uma escultura monumental, traduzir uma idéia religiosa, uma prece. E a projetei circular, com colunas curvas se elevando em um gesto de súplica e de comunicação. Com a forma da catedral definida, prossegui com meus estudos. Não queria uma fachada principal e uma secundária. Queria igreja em um bloco uniforme, simples e puro. Um objeto de arte. Por isso, rebaixei a nave, criando a galeria subterrânea com a rampa de acesso, uma solução adotada também para as ligações do batistério, da sacristia e do presbitério. Compreendi assim que o contraste desses dois elementos – nave e galeria – nasceria o jogo de luz e sombra que um edifício religioso deve apresentar. Por um lado, não queria repetir o contraste habitual (exterior luminoso e interior na penumbra) das velhas catedrais, que evocam uma atmosfera de penitência e castigo. Preferi o contrário, para que os fiéis, após ter percorrido a galeria escura, experimentassem, no momento de penetrar na nave, no contraste da luz e das cores, uma sensação de paz e esperança. (NIEMAYER, 1998)

Na mesma sessão Dalva tem imagens de um pântano (terra) e de uma catedral (céu) o que novamente nos remete ao tema da conexão entre a matéria e o espírito.

A recorrência de imagens de união entre opostos, matéria e espírito, demonstra a realidade da função compensadora de Jung (1991)

Eu gostaria de distinguir a função prospectiva (do sonho) da respectiva função compensadora. Esta última implica, em primeiro lugar, que o inconsciente, na medida em que depende da consciência, acrescenta à situação consciente do indivíduo todos os elementos que, no estado de vigília, não alcançaram o limiar na consciência, por causa de recalque ou simplesmente por serem demasiado débeis para conseguir chegar por si mesmos até à consciência. A compensação daí resultante pode ser considerada como *apropriada*, por representar uma auto-regulação do organismo psíquico. (par. 492)

Conteúdos inconscientes adquirem cada vez mais carga energética quando não conscientizados, pressionando o ego por conscientização. Entretanto, tal conscientização pode acontecer em circunstâncias menos favoráveis do que as proporcionadas pela Calatonia: ambiente adequado, atitude receptiva e relacionamento interpessoal voltado para a observação de imagens, com sua conseqüente integração. A Calatonia não determina o aparecimento de imagens, somente facilita a emergência delas e oferece o *setting* terapêutico apropriado para sua contenção e elaboração.

O contato bi-pessoal, contemplado em publicações de muitos autores que escreveram sobre a Calatonia, como Sándor e outros (1982), Farah (1995), Greger, (1997), Machado (2002, 2006), Penna (2005) Delmanto (2004), Armando (2006), tem seu efeito comprovado no processo de transferência e contra-transferência através de uma ressonância bi-pessoal que, bem orientada, pode influir favoravelmente no processo terapêutico, como se vê nas publicações de Delmanto (2004), Machado (2002). Temos também referências a um “campo de forças” nas publicações de Schwartz-Salant (1989), Machado (2006) e Armando (2006).

Na aplicação de Calatonia o próprio aplicador se coloca numa atitude receptiva em relação aos efeitos do procedimento. Embora a seqüência seja muito bem definida, a experiência daquele que se submete é imprevisível. A atitude não direcionadora do terapeuta abre espaço para a observação de imagens, sensações e sentimentos, na tentativa de compreender o que se manifesta e, posteriormente, ajudá-lo a integrar esse conteúdo. Sua postura deve ser de respeito, reverência mesmo ao corpo do paciente, que só poderá ser tocado após seu consentimento.

Essa é uma situação delicada que merece atenção especial. Muitas vezes o paciente, na ansiedade de querer cooperar com o processo terapêutico, permite, ou até pede o trabalho corporal, sem que seu corpo esteja preparado para isso. É então necessário que o terapeuta possua sensibilidade para perceber a situação, esperando tranqüilamente que o corpo do paciente permita a intervenção. Durante a aplicação a atenção do terapeuta deve estar focada naquilo que Sándor chamava de

terceiro ponto: um ponto imaginário, situado entre paciente e terapeuta⁸. A atenção focada no terceiro ponto sugere que a atitude do terapeuta também deve ser de abertura ao inconsciente permitindo-se, assim, o mesmo movimento que se observa em quem se submete à Calatonia. Essa atitude pode favorecer a percepção, por parte do terapeuta sensível ao fenômeno, do “campo” formado entre os corpos sutis do terapeuta e do paciente. As imagens eventualmente ocorridas ao terapeuta, durante a aplicação da Calatonia, também podem ser úteis ao processo do paciente.

Essas situações de transferência e contra-transferência fazem referência ao envolvimento existencial, primeiro momento descrito por Forghieri em seu método fenomenológico, uma vez que, de acordo com ela, é importante o terapeuta iniciar seu trabalho procurando sair de uma posição intelectualizada, soltar-se para deixar fluir sua própria vivência e deixar surgir sua intuição, sentimento, percepção e sensações que brotam numa totalidade, que possam proporcionar uma compreensão global, intuitiva e pré-reflexiva dessa vivência. (FORGHIERI, 2004, p. 60)

O segundo momento descrito por ela, o do *distanciamento reflexivo*, se refere à ampliação e análise das imagens surgidas durante a vivência, bem como a reflexão de toda a experiência vivida tanto pelas participantes, quanto pela terapeuta e qual o sentido de toda essa experiência para a vida delas. De acordo com Forghieri (2004)

O distanciamento reflexivo ocorre logo após o envolvimento existencial, quando deste procuro distanciar-me a fim de reletir sobre a vivência e me deter nessa reflexão para analisá-la e enunciar descritivamente os significados, ou o sentido, que nela captei, intuitivamente, durante o envolvimento. (p. 62)

A profusão de imagens vivenciada pelos participantes indica seu favorecimento através do trabalho com a Calatonia, por meio da diminuição da atividade do ego e conseqüente contato com o inconsciente que, quando elaboradas e integradas à consciência, trazem uma ampliação da mesma. Essas afirmações podem ser

⁸ Informação transmitida por Sándor em grupos de estudos.

encontradas em publicações da maioria dos autores que escreveram sobre ela: Sándor e outros (1982), Farah, R. M. (1995), Delmanto, S. (1997, 2004, 2006), Arcuri, I. (2004, 2005, 2006), Machado F^o., P. T. (2002, 7), Seixas, L. P. (1986), Penna, L. C. (1979, 2005, 2006), Sá e Benevides, M. L. (2006), Armando, M. D. (2006). O inconsciente aqui não está sendo entendido como somente um reservatório de conteúdos reprimidos, que devem ser reintegrados à consciência, mas também, dentro do mecanismo de auto-regulação psíquica, como uma instância capaz de produzir imagens curativas, se devidamente observadas e integradas.

Os símbolos surgidos nas imagens vistas por Carmen apontam na direção de uma transformação que, conforme seu relato depois de decorridos trinta dias, de fato, aconteceu, o que faz pressupor um processo já em andamento, acelerado pela Calatonia, uma vez que o tempo decorrido entre o início das sessões e os trinta dias seguintes não seria, por si só, suficiente para uma transformação tão grande. Mas, com certeza, o encantamento de Carmen com as imagens foi fundamental nesse processo. No caso de Dalva, os símbolos apontaram para a integração de opostos. O símbolo surge como imagem e esta, por ser visível, revela seu sentido subjacente. A imagem é a forma dada à matéria prima inconsciente, sendo que essa forma é gerada pelo complexo constelado. O símbolo tem sempre um aspecto consciente e extensões inconscientes. Por isso funciona como caminho integrativo.

O inconsciente, para se manifestar, busca no repertório vivencial da pessoa imagens análogas à sua dinâmica e eficientes na mobilização energética necessária. Assim, surgem de diferentes maneiras nas psiques individuais, como nos casos de Carmen e de Dalva, em formas indianas para uma e cristã para outra. Por isso o símbolo é um transformador da energia psíquica, possuindo caráter curativo e restaurador. De acordo com Jung (1986b):

Os símbolos funcionam como *transformadores*, conduzindo a libido de uma forma “inferior” para uma forma superior. Esta função é tão importante que a intuição lhe confere os valores mais altos. O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da

convicção. Ele age de modo convincente graças ao numeno, que é a energia específica própria do arquétipo. (par. 344)

Os participantes dessa pesquisa serem alunos e ex-alunos do curso do Instituto Sedes Sapientiae, onde a Autora desta Dissertação é professora de Técnicas de Abordagem Corporal, é um fato não pode ser separado dos resultados. Os participantes tinham uma história anterior de aprendizado e confiança. Mas é fato também que, na prática clínica, se espera que paciente e terapeuta tenham formado um vínculo que permita ao terapeuta tocar o paciente. Portanto, parece não haver, em essência, diferenças nas situações.

A atenção dada ao corpo somente em termos de estética, numa época em que impera o hedonismo, traz consigo um distanciamento da essência do próprio corpo. Essa idéia é retratada na seguinte citação, quando as autoras se referem à postura do terapeuta ao tocar o paciente:

A visão do corpo como envoltório da alma, ou seja, essa unidade que aqui está sendo chamada de corpo sagrado, será então revelada trazendo, em oposição, a consciência do quão profanado ele tem sido, em virtude de um ideal hedonista de beleza, totalmente exteriorizado e estereotipado, buscado exaustivamente em academias de ginástica e em cirurgias plásticas, mostrando uma falta de identificação com o próprio corpo. (ARMANDO e OLIVEIRA, 2002)

A Calatonia facilita a consciência da integração corpo-psique, trazendo o benefício da ampliação do conhecimento de si-mesmo pela percepção dos processos psicofísicos que estão ocorrendo todo o tempo e que muitas vezes não são percebidos. A referência a esse processo de consciência da integração psicofísica facilitado pela Calatonia pode se encontrada em todos os autores que escreveram sobre ela, por ser um efeito comprovado por todos.

É importante que se leve em conta as considerações acima descritas para que se possa admitir a Calatonia como um elemento facilitador para o contato com o

numinoso. O corpo, com seus aspectos de persona e sombra freqüentemente é campo de manifestação de tensões psíquicas através de sintomas. Assim, sua abordagem e compreensão exigem muito mais do que uma visão estética ou uma busca de excelência em suas habilidades. O corpo é o lugar e o caminho de manifestação da vida psíquica. Leloup (2004), percorrendo sobre o corpo, considera que

“Em certos encontros humanos há uma experiência de transcendência que alcança a profundidade da pele. Paul Valéry dizia: “Se vocês soubessem como a pele é profunda!” Há uma dimensão numinosa que depende, é claro, da forma como se é tocado ou de como se toca alguém.” (p. 79)

Essa alteração da relação do ego com o Si-mesmo pode ser entendida como uma transformação na direção da cura, uma vez que para Jung (2002), a verdadeira terapia é a abordagem do numinoso e as experiências numinosas podem nos libertar das patologias. Essa idéia é encontrada também em Franz (1999), Tardan-Masquelier (1994) e Armando (2002).

Ao dizer que Deus habita o ser humano, Jung conseguiu ser criticado tanto por cientistas quanto por teólogos. Os primeiros chamaram-no de místico, enquanto que para os religiosos, era um herege. Poucos, na época, conseguiram perceber nele o visionário que tentava convencê-los de que a fé e a ciência podiam andar de mãos dadas.

Ao longo de sua obra ele deixa claro não afirmar a essência de Deus e, sim, da imagem de Deus, a *Imago Dei*. Deus era, para ele, um mistério que não deve ser revelado, ao qual ele achava dever atribuir apenas a qualidade de existir como fato psíquico especial, sentido como numinoso, ao qual dá o nome de Si-mesmo. A imagem de Deus é representativa do Si-mesmo por ser o que de mais elevado o homem pode alcançar.

Em uma carta escrita à sra. Vera von Lier-Schmidt Ernsthausen em 1952, Jung (2002) diz considerar a psique algo objetivo, da qual surgem efeitos para a consciência. Diz também que o inconsciente não pertence a ele, Jung, mas sim ele é que pertence ao inconsciente. Afirma ainda ser a neurose um problema de atitude,

uma vez que a atitude se fundamenta e é apoiada pelas mais elevadas idéias e princípios, podendo-se dizer que o problema da atitude é religioso:

[...] Essa qualificação vem apoiada pelo fato de que nos sonhos e nas fantasias aparecem motivos tipicamente religiosos com a finalidade expressa de regular a atitude e de reconstituir o equilíbrio perturbado. A experiência obrigou-me a dedicar minha atenção às questões religiosas e a examinar mais cuidadosamente a psicologia das afirmações religiosas. Meu empenho está em descobrir as situações psíquicas a que se refere a afirmação religiosa. Descobri que, quando aparecem espontaneamente conteúdos “arquetípicos” nos sonhos, etc., deles emanam efeitos numinosos e curativos. [...] Assim como posso atrasar ou mesmo impedir com idéias preconcebidas o *influxus divinus* (venha ele de onde vier), posso também, através de um comportamento adequado, aproximar-me dele e, se for o caso, até assumi-lo. (JUNG, 2002, p. 231)

A Calatonia pode abrir um caminho para a religiosidade, à medida que, facilitando o contato com o inconsciente, promove a emergência de conteúdos arquetípicos, que são sempre possuidores de numinosidade. Esse contato poderá ser mais, ou menos intenso, dependendo do complexo que está ativado e o quanto esse complexo está carregado de libido. Quanto mais ativado estiver o complexo, mais carregadas de emoção serão as imagens dele provenientes e, portanto, mais intenso o contato com o numinoso, embora se observe, com bastante freqüência, um maior contato com o inconsciente sem que isso, necessariamente, demonstre ter havido contato com o numinoso.

Na carta que Jung (2002) escreveu ao dr. H., discorrendo a respeito dos arquétipos, em determinado ponto ele afirma que

[...] na física teórica o arquétipo corresponde ao modelo de um átomo radiativo, com a diferença, porém, de que o átomo consiste de relações quantitativas, ao passo que o arquétipo consiste de relações qualitativas, isto é, *cheias de sentido*, aparecendo o *quantum* apenas no *grau de numinosidade*. (p. 197)

Essa referência de Jung ao grau de numinosidade do arquétipo nos remete à idéia de maior ou menor intensidade da emoção sentida quando o símbolo chega à consciência. Pode-se pensar na diferença que Jung faz entre símbolo e signo: uma imagem desprovida de energia deixa de ser um símbolo, passando a ser signo.

Ao facilitar o acesso a instâncias mais profundas do ser, a Calatonia pode facilitar o acesso a imagens preñhes de numinosidade e, portanto, com grande potencial de uma transformação orientada para o desenvolvimento pessoal. Jung (1978) observa que a palavra “religião” deriva do vocábulo latino “religio”. No prefácio do livro de Richard Wilhelm “I Ching – O Livro das Mutações”, encontramos: “[...] Na realidade, esse é o significado original da palavra ‘religio’ – uma cuidadosa observação e consideração (de relegere) do numinoso” (WILHELM, 1956, p. 19).

Ou seja, fazer uma releitura: reler o Si-mesmo, reler algo que é numinoso. Sair do signo para entrar no símbolo, para integrá-lo à consciência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base as observações feitas com os onze participantes desta pesquisa, conclui-se que a Calatonia pode favorecer o contato com o numinoso, tendo-se percebido indícios desse contato em dois dos casos observados. É possível se deduzir que o rebaixamento da atividade do ego favorecido pela Calatonia pode promover o surgimento de imagens carregadas de numinosidade que, integradas a um ego estruturado, podem levar a uma transformação orientada para um reposicionamento favorável a uma mudança de atitude frente à vida.

É importante ressaltar ser necessário que se tome certos cuidados quanto à certeza da estruturação desse ego, uma vez que um ego frágil pode não conseguir organizar as imagens surgidas, sendo então contra-indicada a utilização da Calatonia, como de qualquer outro método que promova uma ativação do inconsciente. Uma das alunas que, inicialmente, se propôs a fazer parte da pesquisa, desistiu ao refletir melhor sobre sua condição de estar saindo de um estado depressivo leve. Esta é uma generalização, sendo que cada caso deve ser considerado individualmente, uma vez que existe um estudo sobre a Calatonia aplicada a um caso de esquizofrenia, com resultados positivos. Uma exploração mais aprofundada sobre essa temática fica reservada para estudos posteriores, uma vez que por si só extrapolaria os limites deste trabalho.

A fundamentação na Psicologia Analítica de C. G. Jung se mostrou adequada como referencial teórico desse estudo, uma vez que Jung conceitua o numinoso como sendo a experiência viva, vivida e impactante do contato com o símbolo que, quando trazido à consciência, dá um novo sentido à existência.

Jung foi mal compreendido quando falou da imagem de Deus. Sua afirmação sempre foi de que Deus é, antes de mais nada, uma representação interna. Essa afirmação foi erroneamente entendida como Deus não sendo nada além de uma representação interna. Seu conceito sobre Deus se fundamenta em pressupostos

arquetípicos, isto é, estruturas herdadas pelo homem por terem sido sempre vividas da mesma forma, e equivalentes a elementos instintivos do comportamento psíquico. Possuidoras de numinosidade natural, ou seja, de valor emocional, são autônomas e por isso parecem ter vida própria. Por isso, o que se pode constatar, se alguém diz ter visto Deus, é que se trata da estrutura do arquétipo, o aparecimento projetado dessa estrutura psíquica. O que Jung diz é que a ciência só pode ir até aí, não afirmando, como muitos entendem, que o que foi visto não foi Deus. É a imagem que reproduz a experiência de Deus nos homens. É a imagem do Si-mesmo, a de maior numinosidade.

Existem ainda muitas questões a serem levantadas quanto à atuação da Calatonia. No campo da psicologia mesmo seria interessante que se pesquisasse se o que determina melhor os resultados da Calatonia é a sutileza do toque, o ritual que cerca sua aplicação, se a experiência do terapeuta. E se há diferença se ela for aplicada dentro ou fora de um processo de análise psicoterapêutica, com maior ou menor situação transferencial.

Seria interessante que se fizessem pesquisas em neurociência, para que se pudesse ter sua explicação dos efeitos observados na prática clínica. Como exemplo, pode-se citar alterações na percepção do tempo e do espaço. Sabe-se que a psique transcende os limites dessas categorias e a prática mostra ser a Calatonia um grande favorecedor dessa experiência. Neste trabalho mesmo, nas observações relatadas por Dalva, inclui-se a perda da noção de tempo. Outra observação comum sobre os efeitos da Calatonia é a percepção de uma sensação de expansão do próprio corpo, como se ele ocupasse um espaço maior do que o costumeiro sem, no entanto, ser acompanhada da angústia comum percebida nos relatos de pacientes com sintomas como o distúrbio dismórfico corporal. Ao contrário, o relato, comumente, é o de uma sensação prazerosa. Seria interessante também que se pudesse verificar se o contato com o numinoso observado durante o procedimento da Calatonia atua nas mesmas áreas cerebrais em que foram detectadas sensações da presença de Deus, como demonstrado pelos experimentos citados neste trabalho.

Este estudo se propõe a abordar a questão do numinoso somente na experiência com a Calatonia, embora o numinoso possua, em si, material suficiente para estudos profundos dentro da abordagem da psicologia analítica, devido à importância dada por Jung à questão da religiosidade dentro do processo de psicoterapia. Da mesma forma, a Calatonia abre inúmeras outras possibilidades de pesquisa na área da psicologia, como também em outras áreas: medicina, educação, arte, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e outras.

O levantamento bibliográfico sobre a Calatonia possibilita concluir ser ela um campo fértil para essas pesquisas por unir as possibilidades relacionadas com o corpo e produção de imagens devido à ativação do inconsciente.

Concluiu-se também que o método construtivo e o método fenomenológico mostraram-se adequados para que se conseguisse atingir o objetivo desta pesquisa, qual seja, mostrar a possibilidade de, através da Calatonia, obter-se um contato com o numinoso.

Jung, em suas Memórias, Sonhos e Reflexões, nos diz que “[...] Se compreendermos e sentirmos que já nesta vida estamos relacionados com o infinito, os desejos e atitudes se modificam”. Todo o trabalho de Pethö Sándor caminhou nessa direção: ajudar as pessoas a restabelecer o contato com o infinito. A Calatonia, podendo ser uma ponte para que isso ocorra, cumpre com a proposta de seu criador.

Apesar de acreditarmos ter sido cumprido o objetivo desse trabalho, o assunto não está em absoluto esgotado. Esperamos poder contribuir para estudos posteriores que contemplem e possam ampliar este tema.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER R. **O museu hermético**: alquimia e misticismo. Lisboa: Taschen, 1997.

ALVARES, M. S. **Métodos de Trabalho Corporal**. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica), Unesp. Assis, 2001.

ANTUNES, C. A. **O corpo lúdico**: sua utilização na psicoterapia infantil de orientação junguiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), PUC-SP, São Paulo, 1986.

ARMANDO, M. D.; OLIVEIRA, L. Tocar e Ser Tocado. **Jung e Corpo**: revista do curso de psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais. São Paulo, nº 2, p.19-24, 2002.

ARMANDO, M. D. A calatonia e o numinoso. **Hermes**: revista do curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, nº 11, p. 138-146, 2006.

ARCURI, I. P. G. Técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal. **Hermes**: revista do curso de cinesiologia do instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, nº 9, p. 48-59, 2004.

ARCURI, I. (org.) **Arteterapia de Corpo e Alma**. P. 40-47. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARCURI, I. P. G. Depressão, Calatonia e Arte. **Anais do III congresso interamericano de psicologia da saúde: territórios e percursos do psicólogo hospitalar**: divisão de psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

ARCURI, I. **O Corpo Secreto e a Arteterapia**: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal. São Paulo: Vetor, 2006.

BECKER, U. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.

BENEVIDES, M. L. S. Calatonia: um método de psicoterapia profunda em psicossomática. **Hermes**: revista do curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, nº 11, p. 6-19, 2006.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

CLARKE, J. J. **Em busca de Jung**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

CONTE, D. L. Monografia para obtenção de Especialização em Psicologia e Saúde Hospitalar. **CAPSI**: Revista de Psicologia Hospitalar. FMUSP, São Paulo, 2007.

DELMANTO, S. **Toques Sutis**: uma experiência de vida com o trabalho de Pethö Sándor. São Paulo: Summus. 1997.

DURAN, S. T. **O Atendimento Psicoterapêutico em Grupo aos Usuários de uma Unidade Básica de Saúde pelo Método Corporal de Pethö Sándor: uma interpretação na perspectiva da psicologia analítica de C. G. Jung**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) USP. São Paulo, 1997.

EISENDRATH, P. Y.; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. São Paulo: Artmed, 2002.

FARAH, R. M. **Integração Psicofísica**: o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Ilimitada e Robe, 1995.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1^a. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FORGHIERI, Y. C. **Psicología fenomenológica**. São Paulo: Pioneira, 2004.

FRANZ, M.-L. von. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

GIEGERICH, W. **Die Neurose der Psychologie oder der Dritte der Zwei**. *Analystische Psychologie* 9:241-268, Zurich: Karger, 1978.

GORODSCY, R. C. e TOSI, S. M. V. D. Calatonia: uma experiência clínica. **Temas**. São Paulo, p. 181-184, 1987.

GUGGENBUHL-CRAIG, A. **O abuso do poder**, Rio de Janeiro: Achiamá, 1978.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. O. C. XII. Petrópolis: Vozes, 1971.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. O. C. XI/1. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo**. O. C. IX/2. Petrópolis: Vozes, 1982

JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. O. C. XVI/1. Petrópolis: Vozes, 1981.

JUNG, C. G. **A Dinâmica do Inconsciente**. O. C. VIII/1. Petrópolis. Vozes, 1984

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C. VIII/2. Petrópolis:Vozes, 1986a.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. O. C. V. Petrópolis: Vozes, 1986b.

JUNG, C. G. **Nietches Zaratustra – Notes of the Seminar – Given in 1934-1939**. Vol. I. New Jersey: Perinceton University Press, 1988.

JUNG,C. G. **Tipos Psicológicos**. O. C. VI. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Cartas (1946-1955)**. vol. II Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Cartas (1956-1961)**. vol.III Petrópolis: Vozes, 2003.

KIRSCH, T. B. **The Junguians**: a comparative and historical perspective. London: Routledge, 2000.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: EDUSC, 2003.

LEME, E. **O Corpo Sentido no Processo Educativo: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia, departamento de Psicologia Escolar) São Paulo, 1998.

LELOUP, J. Y. **Além da luz e da sombra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEMOS, L. H. C. e Henry, B. Psicoterapia e Toques Sutis. **Hermes**: revista do curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, nº 10, p. 18-25, 2005.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARINO, R. Jr. **A religião do cérebro**. Rio de Janeiro: Gente, 2005.

MARTINS, B. J. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 2^a. ed, São Paulo: Moraes, 1994.

MCGUIRE, W.; HOOL, R. F. C. **Carl Gustav Jung**: entrevistas e encontros. São Paulo. Cultrix: 1982.

MONTAGU, A. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, A. A. **Psicologia Analítica no Brasil**: contribuições para sua história. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). PUC-SP, São Paulo, 2005.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, V. 1, Nº 3, 2º sem./1996.

NEWBERG, A. et al. **Why God wont go away**. Toronto: Ballantine, 2002.

NIEMAYER, O. **Cadernos do Arquiteto**. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi/Fundação Memorial da America Latina/Fundação Oscar Niemayer. São Paulo: Projeto Raizes do Memorial/Niemayer 90 anos, 1ª edição, dez 1998.

OTTO, R. **O Sagrado**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

PENNA, L. C. **Calatonia: a sensibilidade, os pés e a imagem do próprio corpo em psicoterapia**. Dissertação (Mestre em Psicologia) USP. São Paulo, 1979.

PENNA, L. C. O método calatônico em psicoterapia. **Ciência e Cultura**. (SBPC), 1985.

PENNA, L. C. **Corpo sofrido e mal-amado**: as experiências da mulher com seu próprio corpo. São Paulo: Summus, 1989.

PENNA, L. C. O tempo e o espaço na calatonia. **Hermes**: revista do curso de cinesiologia do Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, p. 92-99, 2005.

RAMOS, D. G. **A Psique do Coração**. São Paulo: Cultrix, 1990.

RAMOS, D. G. e col. **Os Animais e a Psique**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

REICH, W. **Escuta, Zé Ninguém!** Lisboa: Don Quixote, 1974.

SÁNDOR, Pethö (e outros). **Técnicas de relaxamento**. 4^a. ed. São Paulo: Vetor, 1982.

SANINO, A. M. **Métodos do trabalho corporal na psicoterapia junguiana**: teoria e prática. São Paulo: Moraes, 1992.

SEIXAS, L. P. **O Caso Nina: um atendimento na esquizofrenia dentro da visão junguiana**. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica) PUC-SP. São Paulo, 1986.

SCHWARTZ=SALANT, N. **A Personalidade Limítrofe**; Visão e Cura. São Paulo: Cultrix, 1989.

TARDAN-MASQUELIER, Y. **C. G. Jung**: a sacralidade da experiência interior. São Paulo. Paulus, 1994.

TOLEDO, P. Iniciando pelos Pés. **Jung e Corpo**: revista do curso de psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais. São Paulo, nº 2, p. 136-141, 2002.

WAHBA, L. **Consciência de Si através da Vivência Corporal**. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica). PUC-SP, São Paulo, 1982.

WILHELM, R. **I Ching**: o livro das mutações. São Paulo. Pensamento, 1956.

Anexo I:

Relato dos participantes:

Participante nº 3:

Nome: Mariana

Idade: 46 anos

Local de nascimento: São Paulo

Estado civil: casada

Filhos: 3

Profissão: psicóloga, psicomotricista, equoterapeuta

Religião: católica não praticante

Experiência anterior com a Calatonia: sim

“Tudo muito escuro. No fundo começou a aparecer uma imagem... um rosto. Era o meu marido quando jovem (27 anos), usava barba e tinha cabelos. Era a foto do nosso casamento.

Em seguida, também na escuridão, aparece o meu rosto. Muito jovem (21 anos), muito bem maquiada, sorriso no rosto, cabelos arrumados. Era a foto do casamento.

Aparecem nossas imagens (fotos) num mar escuro, mas existia uma iluminação (penumbra) proveniente da lua e do sol. Num primeiro momento era só a lua cheia e quando ela sumia no horizonte do outro lado aparecia o sol. Num segundo momento o sol e a lua se fundiram e nossas almas subiram para o encontro da eclipse.

Havia uma roda com quatro pessoas. Num primeiro momento reconheci o rosto das minhas três filhas, mas não distinguia o quarto rosto. Elas estavam “rodando” (brincando), em seguida percebi o quarto rosto, era o meu! Começaram a girar, aumentando a intensidade e foram subindo até sumir no cosmos.

Paisagem de uma planície com flores violetas (paisagem suíça?).

Minha formatura (graduação) junto com as minhas colegas mais íntimas.

Numa floresta escura, mas com iluminação lunar, eu e meu marido montados a cavalo. O cavalo dele era branco e o meu era baio (marron) Estávamos cavalgando lado a lado.

Segunda sessão:

Primeira cena:

Um pescador, em noite de lua cheia, remando. Surgem golfinhos e começam a saltar sobre o conjunto (barco e pescador) formando um “túnel de golfinhos”. O pescador foi remando até ultrapassar o reflexo da lua no horizonte do mar.

Segunda cena:

Noite de lua cheia com revoada de pássaros. Voavam formando um “bailado” no céu.

Terceira sessão:

Primeira cena:

Eu no centro de um círculo. Havia índios (xamãs) fumando seus cachimbos e jogando suas fumaças em mim. Eu cobria meu rosto. Estava sentada ao centro no chão.

Segunda cena:

Um piano de cauda preto numa praia.

Terceira cena:

Estava sentada na areia da praia, ao meu lado esquerdo havia uma águia e no esquerdo uma rottweiler (cadela).

As pessoas foram chegando aos poucos e sentando-se em minha volta, formando círculos. Eu conversava com a águia, ela saía voando e após algum tempo retornava. O número de pessoas chegando foi aumentando até que a população já era vista como infinita. A cadela continuava ao meu lado e a águia continuava buscando mensagens.

Depois de trinta dias:

Não consigo dizer se algo mudou ou se senti peculiaridades. Pois o final das sessões coincidiu com o final do semestre (muito cansaço). Neste ano eu realizei muitas etapas, modificações, mudanças, transformações.

Esse momento culminou com a mudança do meu consultório. Agora possuo consultório próprio, decorado conforme a “minha alma”

Ultimamente tem ocorrido sonhos coletivos, raramente são individuais/egóicos. Os sonhos ocorrem num trem, navio, igreja, shopping, praça, etc....

Neste mês de dezembro ocorrerá também a comemoração das minhas Bodas de Prata, e esse fato tem sido vivenciado com plenitude.

Conceituação pessoal do numinoso:

Não foi feita.

Participante nº 4:

Nome: Karin

Idade: 47 anos

Estado civil: casada

Filhos: 2

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicóloga (formada também em Biologia e Pedagogia)

Religião: católica com crença espírita

Experiência anterior com a Calatonia: não

Primeira sessão:

“De início acho que estava meio apreensiva. Logo que ela tocou o primeiro dedo, senti a energia subir pelos pés, pernas, indo até braços, corpo. Num segundo momento, senti a energia se expandir ainda mais e chegar à cabeça. O fluxo de energia chegava a aquecer o corpo.

Vi um móvel cheio de vasos e ramalhetes de flores, tipo floreira de rua para venda. Depois, em toques diferentes, vinham outras flores: rosa cor-de-rosa aberta, um arco de primavera rosa choque, uma flor de lótus branca.

Logo no segundo dedo, ouvi alguém falar comigo dizendo algo do meu irmão e ouvi eu mesma respondendo: “Meu irmão, como assim, *meu irmão?*”. Depois pensei , só se for o meu irmão que perdi...

Durante toda a aplicação eu **ouvia conversas**, eram conversas diferentes, grupos diferentes, mas eu não estava adormecida, estava bem desperta (* isso nunca aconteceu antes).

Só no segundo toque do pé é que dei uma “apagada” muito rápida e cheguei a ter um espasmo que até ergui a mão e parte do braço direito.

Segunda sessão:

Relaxeí muito rapidamente, já no 2º/3º dedo. Logo que ela tocou, como na primeira vez, senti a energia subindo rapidamente e “preenchendo” o corpo todo. Tive alguns espasmos: mão esquerda, perna.

Percebi que estava com as coxas muito contraídas e tensas e tentei soltá-las. Lembro-me de ter visto algumas imagens, mas não consigo me lembrar delas. Logo que ela encerrou, me veio a imagem da caixa de sucrilhos Kellog’s e em seguida, um caminho (uma trilha), todo forrado por sementes, principalmente alpiste.

Terceira sessão:

Novamente, logo que ela me tocou, senti a energia subir e parar no estômago, aonde pareceu ficar circulando por um tempo, depois a energia se espalhou pelo resto do corpo. Só que desta vez, a energia não subia de forma linear, ela vinha de forma espiralada, e assim demorei muito tempo para relaxar, pois esse movimento parecia me preencher e de certa forma era uma energia turbulenta.

Lembro de uma imagem de um cais de madeira com 2-3 pessoas em cima e no início dele. Noutro momento vi uma árvore com a copa deitada para o lado (tipo bonsai), como que se o vento a tivesse modelado para o lado esquerdo, toda florida com flores lilás.

Eu tive um espasmo que cheguei a levantar a mão e fiquei muito relaxada, mole até. Demorei muito a voltar ao normal, estava em slow-motion, demorei inclusive a me recompor.

Depois de trinta dias:

As flores e as sementes pareciam fazer parte de um quadro que eu estava pintando, elas continuaram aparecendo em sonhos e imagens. Por exemplo num toque nas cristas ilíacas (*): vi um repolhinho, como que cortado ao meio, em formato de florzinha. A seguir, um pé de milho, já grande, com flores e espigas. Depois uma plantação tipo capim alto, um trigal (me lembrou como se fosse uma continuação das calatonias...). Como uma horta, voltada para a terra; produtividade.

Nesta mesma época, eventos diversos e sonhos me remeteram a lembranças com pessoas da minha infância. Me parece um resgatar para poder liberar e poder caminhar nesse novo caminho que estou “semeando”.

Conceituação pessoal do numinoso:

É algo que está além da minha compreensão e simples apreensão.

É algo ou alguém que ilumina, norteia, acalenta.

É o belo, o sábio, o grandioso, o que acompanha e sustenta.

É o que está dentro, mas também está fora, em todas as coisas e pessoas.

(*) Toque recebido por ela em uma aula posterior à experiência com a Calatonia.

Participante nº 5:

Nome: Suzana
Idade: 54 anos
Local de nascimento: São Paulo
Estado civil: casada
Filhos: 2
Profissão: psicóloga
Religião: presbiteriana
Experiência anterior com a Calatonia: sim

Primeira Sessão:

Ao primeiro toque nos dedos dos pés senti uma forte energia, uma corrente elétrica que fazia um círculo entre meus pés e as mãos da terapeuta. A imagem era de uma corrente que girava através dos pontos de contato em forma circular.

Minhas pernas estavam rígidas e contraídas, conforme fui relaxando a imagem que surgiu foi de um feto e em seguida a vontade de ser acolhida, acariciada um pensamento de “como que sendo o carinho algo tão gostoso e gratificante de receber...”

Em seguida, as lágrimas começaram a cair com uma vontade muito grande de chorar.

Segunda sessão:

No início da calatonia havia uma invasão de pensamentos, pensei em respirar e relaxar.

Após alguns instantes me veio à consciência a imagem de um rosto de nuvens, soprando um vento forte que se transformava num furacão.

Em seguida ouvi o barulho do vento na sala, imaginei que talvez não fosse real... voltei a ver a mesma imagem, agora com partes de um rosto picado sendo espalhadas pelo vento.

Fiquei com medo e pensei no controle que poderia estar perdendo. Passei a pensar em coisas do ambiente como forma de me apoiar (sons dos pássaros, som dos automóveis).

Ao ser tocada na sola dos pés, senti uma energia subindo até a altura dos joelhos, como se o sangue caminhasse pelos vasos sanguíneos dos pés até os joelhos.

No toque da testa, embora bastante sutil, percebi um movimento como se as mãos da terapeuta estivessem abaixando.

Ao final da calatonia senti vontade de chorar.

Terceira sessão:

Ao iniciar o processo, a imagem que me veio foi de novo do rosto de nuvem soprando o vento em forma de redemoinho, mas hoje junto a isso apareceu o Pégasus, que girava e brincava com o vento.

Em seguida, lembrei de todos os nódulos que tenho no corpo (tireóide, seios, miomas no útero e pedra na vesícula) e pensei o que eu estava fazendo com o meu corpo. Esta sensação foi bastante desagradável e logo lembrei que sinto bastante dificuldade na entrega do meu corpo e que não me dou o direito de sentir prazer.

Senti vontade de chorar e me senti bastante mobilizada após essa sessão.

O Pégasus para mim significa o poder, a possibilidade de ir para cima, para o alto, voar, mas embora o vento possa ser a energia que fará ele voar, sinto que ainda não efetivo essa possibilidade.

Depois de trinta dias:

A experiência foi muito marcante, sempre tive dificuldade em relaxar e principalmente, dificuldade de ver imagens. Para mim, ver imagens era algo que não considerava possível.

No entanto, com a calatonia, pude passar por uma vivência marcante e profunda. No início do processo me ligava a sons à minha volta e me distraía com meus pensamentos. Mas a técnica logo se mostrou efetiva, pois me senti profundamente tocada. As imagens pareciam desintegradoras e me deixavam confusa, como o vento e rostos se partindo em pedaços, furacão, etc., mas ao final essas imagens se uniram e hoje sinto que passei por um processo e percebi que este processo foi acontecendo lentamente como um filme, uma imagem, que na próxima sessão se unia a outra e assim sucessivamente, até que no final todas as imagens se integraram formando uma só cena, como acredito tenha acontecido dentro de mim.

Partes de mim, desintegradas, separadas, recursos não usados, coisas boas, ruins, de medo, de dificuldade, de alegria, de tristeza, que hoje forma um todo que sou EU.

Conceituação pessoal do numinoso:

Me lembra luz com toda a sua força e beleza

É o “estado” que gostaria de alcançar, algo além de nós, mas que existe dentro de nós, que traz paz e completude.

É um estado de graça, que busco encontrar, nem que seja por um instante.

Participante nº 6:

Nome: Julia

Idade 25 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicóloga

Estado civil: solteira

Filhos: 0

Religião: espírita

Experiência anterior com a Calatonia: não

Primeira Sessão:

Minhas sensações durante a calatonia foram assim: primeiramente eu sentia a sensação de bem estar se espalhando pelo corpo todo, subia pelas pernas e chegava até as palmas das mãos dando uma sensação de relaxamento. Depois tive uma sensação de que meu corpo estava derretendo, era como se eu me espalhasse na cama, mas esse derretimento me dava uma sensação de expansão, de organização, de integração. Junto a essas percepções eu sentia a área esquerda superior da cabeça sendo ativada, era como se fosse uma espécie de formigamento. Senti também a clavícula, parecia que ela se movimentava, ela parecia estar crescendo (me recordei de uma aula onde o professor disse que este osso poderia crescer até os 25 anos). Fico agoniada quando escrevo ou falo sobre este osso.

Também me vieram duas imagens: a primeira era a imagem do mar, tranquilo, calmo, porém a água estava suja, com uma cor preta, a água ia e vinha e não limpava, ela se mantinha suja. A segunda imagem foi a de uma água saindo de um purificador de água e ela saía límpida e caía em um copo branco. Ela era muito transparente e límpida, trouxe a sensação de uma água fresca e gelada, boa para se tomar.

Neste dia eu tive um sonho com o prof. Paulo e com a prof. Marilena, ambos estavam no consultório e ele chegava com um salmão enorme e os demais materiais para se fazer um churrasco. A Marilena tinha terminado de me atender e já ia ajudar nos preparos do churrasco, porém eu e a pessoa que estávamos saindo para ir embora não fomos convidados para ficar neste churrasco.

Segunda sessão:

Nesta segunda sessão de calatonia observei uma grande salivação e percebi que este mesmo fato aconteceu na primeira, porém não o descrevi. Em relação ao corpo,

eu senti a região abdominal e que talvez tenha alguma relação com o meu ciclo menstrual que é irregular (esta sessão foi feita após uma sessão de acupuntura).

Em relação às imagens, muitas foram se passando e ficou mais presente uma praia onde eu estava caminhando tranqüilamente pela beira do mar. Esta sensação de tranqüilidade é algo que venho trabalhando em terapia. Tenho dificuldade em esperar as coisas acontecerem no seu devido momento, quero apresá-las e então o meu grau de ansiedade aumenta. Tive que fazer uma dieta alimentar e a restrição aos doces também fez com que eu percebesse que eu escondia minha ansiedade atrás do chocolate e neste momento ela está sendo vivenciada com muita intensidade.

Na terapia, meu terapeuta me convidou a fazer uma imaginação ativa e quando me vi numa ilha, sozinha e depois com a presença dos animais, a tartaruga se apresentou vagarosamente, saindo do mar, toda dócil e meiga. Ela trazia a tranqüilidade, a experiência de uma velha sábia. Ela era grande e mais madura, não era pequenina e inexperiente. Percebi que preciso reconhecer o momento certo de agir nas dificuldades pelas quais venho passando e me utilizar da sabedoria, da experiência para que no final eu consiga ganhar uma maior consciência do meu trajeto nesta existência.

Terceira sessão:

Começo contando que eu estava com saudades de ser tocada. Afinal férias... A gente fica um pouco preguiçosa e acaba não praticando.

De início eu sentia como se as terminações nervosas fossem avisando o corpo todo do que estava acontecendo e fui sentindo o toque se espalhar pelo corpo todo até em regiões específicas do cérebro (acho que já escrevi isso). A primeira imagem que me veio foi daqueles buraquinho a que os bichinhos fazem na beira do mar para se enterrarem, sabe uns buraquinhos que eles ficam se escondendo? Esse buraquinho não era brilhante, era escuro, mas me remeteu ao local que ganhei de presente da mãe de meu amigo italiano, da minha “mama” italiana...

Depois ficava tentando prestar atenção nas minhas sensações corporais a primeira coisa que percebi foi que eu não conseguia perceber a minha respiração. A salivação era intensa e eu tenho um costume que é de deixar meus lábios sempre molhados, para isso eu passo a língua e se eu não o fizer meus lábios ficam ressecados e finalmente rachados. Mas foi exatamente a sensação contrária que me ocorreu: eu não conseguia passar a língua nos lábios, eu não conseguia sentir absolutamente nada, acho que eu não estava no meu corpo, mas ao mesmo tempo eu estava por ali e sentia uma sensação de bem estar que não dava para explicar. O maxilar estava solto, coisa que habitualmente anda muito dura, e era como se eu

tivesse me livrado dos problemas físicos, como se eu não precisasse mais me preocupar com isso.

Quando saí da sessão fui para um treinamento e fiquei três horas na frente de um computador, no final a minha cabeça estava pesada e com dor. Decidi ir para casa. Senti um pouco da perda do desejo sexual, coisa que estava muito intensa nas últimas semanas. E nesta noite eu sonhei que eu tinha duas festas na mesma noite, uma que eu estaria com pessoas de minha convivência atual e a outra seria uma festa com amigos antigos da época da faculdade e que já quase não encontro. Eu queria ir à festa com os amigos de hoje e uma amiga dizia que eu tinha que ir à outra... Quando acordei, fiquei pensando que de fato eu gostaria de estar com as coisas novas, com os amigos novos, dos amigos antigos eu tenho saudades, mas não quero voltar pra trás. Quero ver o que tem de novo daqui pra frente.

Depois de trinta dias:

Tentar falar o que ficou da calatonia pra mim... bem, eu acho que é falar da sensação de ser tocada e de perceber que o corpo pode ser mais do que a gente percebe no dia a dia. Ser tocada de uma maneira diferente que não é igual a da ginástica e nem da relação sexual. É perceber que o corpo fala de você e pode falar pra você! A maneira como você se comporta... Uma imagem ou sensação diferente. É uma sensação parecida com alguma coisa de entrar em contato com a sua espiritualidade de uma maneira diferente. Embora o toque traga a sensação de ampliação, de que podemos ir além do que percebemos, traz também a sensação de que mesmo essa ampliação tem uma limitação... mas isso nos deixa com vontade de ir mais a fundo. Há um tempo atrás fiz um curso de massagem e percebi uma outra sensação do corpo, agora tocar e ser tocada sutilmente é muito mais revigorante e os resultados parecem prolongar por mais tempo. Acho que até para tocar as pessoas agora, eu toco de maneira diferente.

Conceituação pessoal do numinoso:

Não foi feita.

Participante nº 7:

Nome: Claudina

Idade: 43 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: médica

Estado civil: viúva

Filhos: 1

Religião: judaica

Experiência anterior com a Calatonia: não

Primeira sessão:

Durante todo o processo senti um aroma muito intenso de charuto ao meu redor. Tinha a sensação de que alguém estava fumando charuto ao meu lado. Além desta sensação houve um estado de relaxamento profundo com uma sensação de bem-estar.

Segunda sessão:

Tive um relaxamento profundo com uma sensação de bem-estar e tranquilidade.

Terceira sessão:

Também tive um relaxamento profundo com uma sensação de bem-estar e tranquilidade.

Conceituação pessoal do numinoso:

O que significa numinoso para mim: Numinoso é um estado, uma sensação, uma vivência que não pode ser exprimida pelas palavras. É algo que é vivido e vivenciado de forma tão profunda e ao mesmo tempo tão abrangente que transcende a nossa razão. Ultrapassa a possibilidade de reduzir esta experiência ao concreto e ao racional. É uma experiência que todo o nosso ser (corpo/mente e espírito) estão envolvidos e extremamente mobilizados por tal vivência.

Depois de trinta dias:

1 – É uma possibilidade concreta de relaxar, de se soltar para, entre outras coisas, combater o estresse de nossos dias.

2 – Pelo relaxamento há um rebaixamento de nosso nível de consciência, possibilitando, assim, a emergência de conteúdos inconscientes à consciência. No meu caso isto foi muito significativo, já que o forte cheiro de charuto me levou a associar este símbolo com o meu marido (namorado na época). Estávamos reiniciando um namoro após uma separação de um ano e três meses. Acredito, pois, que a elaboração e construção desta relação teve também a contribuição dos conteúdos que emergiram na consciência.

Participante nº 8:

Nome: Pedro

Idade: 55 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicólogo

Estado civil: solteiro

Filhos: 0

Religião: católico

Experiência anterior com a Calatonia: sim

Primeira sessão:

Momentos antes:

Ansiedade sentida na testa, entre os olhos, no peito e no estômago.

Respiração curta.

Um estado de alerta que se reflete em uma prontidão para que o corpo se movimente.

Depois da Calatonia:

Zumbido “em forma helicoidal” nos ouvidos após os primeiros toques.

Sensação de apurar a audição.

Aos poucos uma sensação no corpo inteiro como que envolto em nuvens negras acinzentadas. Existia um certo movimento.

Havia uma proposta, no corpo, para abrir mais os braços. Sensação de estar crucificado.

Lembrei-me de estar fazendo calatonia em meu pai um pouco antes de seu falecimento.

Quando tocado na sola dos pés, senti o meu corpo menor. Ao invés de envolto em nuvens, uma sensação pétrea. As cores presentes eram em tons de negro e cinza.

Logo após vem a sensação de estar numa urna funerária. Estava com uma “sensação pétrea” no rosto. Depois de alguns minutos após o trabalho, todo o meu corpo vibra e existe uma sensação de rigidez na minha face. Todas estas “imagens” vieram em forma de texto. Até há alguns anos eu confundia “imagem” com uma forma pictórica. Mas, se eu pensar no símbolo, e a imagem como uma transdução do símbolo, nós estamos na verdade no campo da exposição, do lingüístico, no qual um texto, uma dança, um som podem ser expressões desta vivência interna; elas são igualmente imagens. Esta mudança de “ponto de vista” me ajudou a me “apropriar” de minhas vivências, da “minha forma” de viver meus símbolos.

Segunda sessão:

Ao ser tocado ouvi um zumbido no ouvido. Senti pesos diferentes no corpo no sentido longitudinal. A parte esquerda do corpo, principalmente as pernas, estava mais elevada.

Esta sensação diminuiu e uma outra, a de estar envolvido em uma nuvem de flocos aparece. Aos poucos, a parte superior do corpo foi se alargando, principalmente a cabeça; a língua se solta do céu da boca e os buracos da cabeça (garganta, boca, nariz) se expandem e a respiração se aprofunda. O maxilar relaxa um pouco. Sensação de maior inteireza.

Tenho a certeza que o meu jeito de “ver” imagens é deixar “o fantasiar” livre para existir em pensamentos e sensações corporais.

Saio da calatonia tendo a região do peito muito presente.

Terceira sessão:

Uma sensação de calma e bem estar quase o tempo inteiro, junto a uma vivência corporal de inteireza.. No final do trabalho, “vejo” uma imagem de uma nuvem e de um sol começando a aparecer por detrás dela. Bem estar no final do trabalho.

Depois de trinta dias:

Conversando com a Marilena semanas após este trabalho, contando algumas mudanças em meu trabalho como terapeuta, onde a percepção e a utilização de símbolos e metáforas estão muito mais presentes, lembro-me que um dos marcos desta mudança foi o trabalho que fiz com ela. Não estou fazendo nenhuma relação causal, apenas uma observação de um fato acontecido. Um símbolo.

Conceituação pessoal do numinoso:

Existem experiências que habitam nossa alma para sempre; que nos causam um impacto tal que mudam o rumo de nosso caminho, carregando O ainda não vivido. Essas experiências contam um tal impacto, que eu entendo que a palavra numinoso, como denominação das mesmas, esteja descrevendo.

Participante nº 9:

Nome: Irene

Idade: 48 anos

Local de nascimento: São Manuel – S.P.

Profissão: psicóloga

Estado civil: casada

Filhos: 2

Religião: católica

Experiência anterior com a Calatonia: não

Primeira sessão:

Senti um movimento que teve início na mão direita. Passou para o estômago e foi até o joelho esquerdo, sentindo um pouco de dor, ou um certo incômodo.

Depois a garganta ficou mui seca e incomodando, depois eu comecei a ver luzes da cor lilás, e depois os ouvidos começaram a fazer um zum, zum...

Sensação de que eu estava fora observando como reagia esse corpo, e por vezes as sensações de harmonizando, isto é, eu não sentindo nada.

Segunda sessão:

Minha cabeça muito pesada, parecia que a cama estava inclinada e que minha cabeça está mais baixa que meu corpo.

Depois harmonizou.

Terceira sessão:

No início uma energia ondulada dos pés até a cabeça.

Nas 3 sessões, meu estômago e minha garganta me incomodando, dizendo estou aqui.

Depois de algum tempo se harmonizando.

E mais no final a sensação de relaxamento, quase em um estado de vigília, de sono.

Tenho a impressão que quanto mais sessões fossem realizadas, cada vez mais entraria em um estado de relaxamento total.

Depois de trinta dias:

1. O que ficou depois da Calatonia?
2. Uma sensação de paz e de equilíbrio interno, de eixo.
3. O que entendo por numinoso?
4. O numinoso pode ser um sonho.

Participante nº 10:

Nome: Laura

Idade: 27 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicóloga

Estado civil: solteira

Filhos: 0

Religião: não tem uma específica

Experiência anterior com a Calatonia: sim

Primeira sessão:

A princípio me percebi um pouco ansiosa pelo fato de ser uma experiência nova. E com o decorrer da vivência fui me familiarizando.

Eu sentia os dedos das mãos de Marilena frios, ao primeiro contato com os dedos dos meus pés, principalmente no hálux direito. Depois permanecia o calor.

Quando fui tocada no primeiro ponto da planta do pé tive uma sensação que minha perna direita (do joelho ao pé) “levitava” (como se estivesse um nível acima do meu corpo). E esta sensação foi subindo para o lado esquerdo do meu corpo, focando mais nas regiões do seio e ombro. Nestas regiões, a sensação de levitação era como se fosse um “formigamento” e perdurou menos tempo do que na perna direita. Mas eu tinha certeza que era continuação do que havia sentido no começo, na perna direita como sensação de levitação.

Logo depois, ao ser tocada no segundo ponto da planta do pé, subiu uma energia tão forte pelo meu corpo, da cintura te o pescoço. E quando esta energia parou no meu pescoço fiquei tensionada. Chegou a me dar vontade de parar a vivência, de querer virar a cabeça de um lado para o outro, massagear... tudo na tentativa de me livrar daquela tensão. Com o tempo, me acalmei, ou melhor, segurei minha onda. Só fui me sentir mais confortável quando fui tocada na cabeça. Neste toque tive muita salivação.

Ah! No começo do exercício (vivência) senti o meu corpo caído para a esquerda. Esta sensação somente é perceptível da perna até a cabeça. Minhas pernas permanecem retas. Esta é uma sensação que sempre tenho com toques sutis, principalmente quando recebo a calatonia.

Durante toda a vivência eu entrava e saía do estado alterado de consciência muito rápido. Quando eu percebia que estava num estado alterado, logo voltava. E assim perdurou por toda a vivência. Em algumas vezes que me percebi num estado alterado de consciência via algumas imagens, as quais não consegui definir, pois não tinham formas e passavam muito rápido como vultos, como um filme. Eu tive a sensação que estas imagens não puderam aparecer pelo fato de ter me “cobrado” a ver imagens. Fiquei um pouco ansiosa... não deixando a vivência acontecer naturalmente.

Segunda sessão:

No começo do exercício senti novamente o meu corpo pendendo para a esquerda (da pelve até a cabeça). Quando fui tocada no primeiro ponto do pé senti uma energia, como se fosse uma eletricidade, que passava para o rosto do meu corpo. Já o segundo ponto do pé foi bastante intenso, como uma energia que vai aumentando, que tem domínio sobre o meu corpo. Mas de repente, esta energia se esvai, mas fica no é e, depois, some. E quando fui tocada no calcanhar me senti grande, como um gigante (quanto ao tamanho). Depois disso, veio a imagem do desenho que Marilena pediu para fazer de cada vivência. E esta imagem era da minha primeira vivência com a calatonia (no dia 09/11/04). Eu vi a cor azul representando a energia que sobe pelo meu corpo e para meu pescoço e vi um fundo preto do lado direito do papel. A energia parecia fogo quanto à sua forma. Achei super interessante esta imagem porque logo que ela apareceu eu tive certeza que era a representação da minha primeira vivência.

E quando fui tocada na cabeça senti todo o meu corpo esquentar. Eu tive uma sensação de harmonização. Foi muito gostoso este momento, queria ficar por aí mesmo. Entrei este tempo todo num estado alterado de consciência. E quando terminou o toque na cabeça senti, por pouco tempo, frio no corpo todo.

Obs. – Tive um sonho na noite anterior desta vivência com a Marilena.

Sonho – Eu estava na casa da Marilena. Eu estava lá porque fui fazer calatonia. Eu abri a geladeira, peguei a comida para jantar e a esquentei num microondas branco. Eu sentei numa cadeira e jantei. Logo depois, chega a Marilena na cozinha. Eu disse a ela que fiquei à vontade para jantar (como se fosse normal eu fazer isso em sua

casa). Tinha um corredor grande que ligava a cozinha para outros lugares, como a sala.

Terceira sessão:

No começo da vivência senti, pela terceira vez, o meu corpo (da pélvis até a cabeça) como se estivesse pendendo para o lado esquerdo.

Fiquei um bom tempo pensando em várias situações, como ter que trabalhar à tarde e outras. A minha cabeça estava acelerada e não parava de vir pensamentos.

Demorei muito para me concentrar e entrar num estado alterado de consciência. A partir deste momento tive imagens de como se fosse nuvens pretas. E estas iam se desmanchando como aquarela. Estas “nuvens” apareciam uma atrás da outra, algumas mais forte, outras menos, mas todas desapareciam como se tivesse colocando água para dissolver o preto (igual aquarela).

Por fim, quando fui tocada na cabeça tive a sensação que a minha respiração foi ficando cada vez mais tranqüila até o ponto que parecia que eu só permanecia com o diafragma contraído e a barriga toda esticada. É como se a minha respiração só realizasse o movimento da inspiração, mesmo eu sabendo que estava soltando o ar. Esta foi uma experiência nova e bastante interessante; e até mesmo prazerosa.

Depois de trinta dias:

O que ficou da experiência?

Ficou claro, para mim, o quanto a experiência muda de pessoa para pessoa, muda de relação para relação. Senti que estes três encontros foram seqüenciais como uma história que tem começo, meio e fim. Teve um sentido... que me fez refletir mais sobre a questão corporal. Percebi o quanto estava evitando receber toque sutis, não querendo entrar em contato comigo mesma, com as minhas dificuldades. Mas não adianta fugir, né? Estas vivências, de alguma forma, me mobilizaram a enxergar luz no lugar do preto. Me incentivaram a ter vontade de melhorar. E mais do que isso, me incentivaram a me movimentar...

Foi ótimo!!! Obrigada!

Participante nº 11:

Nome: Elisa

Idade: 45 anos

Local de nascimento: São Paulo

Profissão: psicóloga

Estado civil: casada

Filhos: 0

Religião: messiânica

Experiência anterior com a Calatonia: sim

Embora não seja por um longo tempo, é importante destacar que este não foi o meu primeiro contato com a calatonia, pois atualmente venho vivenciando na terapia.

No começo desta sessão, estava um pouco incomodada com a irregularidade da minha respiração, semelhante ao que ocorreu no dia anterior na terapia. Entretanto, a partir do 5º toque comecei a respirar regularmente, sentindo-me mais relaxada. Com isso, consegui desconectar-me do desconforto, deixando fluir livremente o pensamento.

Neste momento surgiu a imagem de um muro totalmente coberto por folhagens (trepadeiras), com um portão de ferro marrom escuro e fechado. Ao abri-lo percorri um longo corredor escuro, também de cor marrom, que terminava num canal. No momento em que fui aproximando deste canal, eu avistei uma corrente de água límpida, de cor azul bem clara, onde mergulhei seguindo a correnteza da água. Em seguida, caí em mar aberto levada pela força da água. Neste local não foi possível ver nada adiante por causa de um forte nevoeiro que impedia a visão, mas eu ainda fiquei parada ali por pouco tempo, observando o nevoeiro.

Depois, no momento em que minha cabeça foi levantada, eu tive uma nítida sensação de elevação corporal, surgindo simultaneamente a imagem de uma lua bem grande que despontava por entre árvores numa floresta escura. Essa imagem sumiu repentinamente, como a tela de uma televisão sendo desligada, dando espaço a uma escuridão total.

Segunda sessão:

No início desta sessão eu estava bastante relaxada e surgiu uma única imagem que não estou conseguindo resgatar de forma algumas.

Eu lembro somente que a sensação que tive foi de ter “apagado”, ou sejam não estava atenta aos movimentos e sons daquele momento (conforme o esperado pelo meu padrão), mas também não estava dormindo. Em seguida, surgiu uma dor forte no braço direito que me fez desviar o foco de atenção, por ter provocado bastante desconforto.

Depois, acredito que da metade para o final da sessão, me desconectei da dor, voltando a mesma sensação de “desligamento” inicial.

Terceira sessão:

Imediatamente após o primeiro toque, surgiu a imagem de um pegasus preto e brilhante como se fosse de porcelana, voando sozinho e inclinado. Quando aterrizou ele se transformou num cavalo normal, montado por um homem desconhecido que galopava livremente no campo aberto, onde tudo estava escuro.

Na sequência a imagem se modifica, ficando tudo claro e eu apareço montada no cavalo que agora era marrom, e estava percorrendo um campo deserto forrado por uma vegetação clara como plumas ou trigos.

Em seguida, surge uma nova imagem onde ainda estava montada no cavalo com a metade de seu corpo submerso na água do mar de cor azul turquesa bem clara e transparente. Lentamente um cavalo marinho foi aproximando e ficou nos observando. Neste momento fui envolvida por uma sensação agradável de leveza e conforto.

De repente, surgiu uma dor no braço direito que durou pouco tempo, mas desviou minha atenção. Logo após tive a sensação de os meus pés estarem sendo puxados, e com isso eles foram se alongando e ao mesmo tempo ficando frios. Em seguida me desconectei completamente por um instante, parecendo ter entrado num estado alterado de consciência, pois não estava dormindo mas também não estava atenta aos acontecimentos (“apaguei”). Ao terminar a sessão percebi que meus pés permaneciam ainda bastante frios, mas eu estava muito bem.

Depois de trinta dias:

Com as sessões de Calatonia em que me submeti, acredito que não posso dizer exatamente que alcancei um estado de consciência que me permitisse um contato com o numinoso, conforme a expectativa (embora tenho dúvidas a respeito do meu esclarecimento sobre este estado). Por outro lado, a minha vivência no trabalho particularmente teve bastante relevância para mim, sobretudo se considerar a rigidez com que tenho me posicionado no decorrer da minha vida.

Habitualmente apresento uma certa resistência em trabalhos que requerem a entrega e que de alguma forma propiciem um contato com conteúdos do inconsciente. Mesmo não querendo, nestas situações fico facilmente dispersiva e acabo me concentrando mais nos movimentos e acontecimentos externos, e às vezes parece que chego a controlar mentalmente as vivências.

Entretanto, no decorrer das sessões de Calatonia experimentei algo diferente, pois percebi que além de ter conseguido relaxar um pouco mais durante o trabalho, surgiram livremente uma quantidade de imagens inesperadas, dando indícios de que estava acontecendo uma possível entrega, assim como também estavam sendo liberados conteúdos do inconsciente. Esta situação constitui um grande avanço para a minha dinâmica.

Simbolicamente, a sensação que tenho é como se houvesse anteriormente uma grande pedra impedindo a conexão consciente-inconsciente e que, temporariamente, ela tivesse sofrido uma ligeira remoção, mantendo um canal de comunicação desbloqueado. Em outras palavras, acredito que com a calatonia ocorreu uma diminuição da ansiedade e do nível de controle, me permitindo relaxar e conseqüentemente possibilitando o acesso a conteúdos um pouco mais profundos do inconsciente. Acredito que com esta técnica corporal, é possível reorganizar a energia das pessoas, principalmente das mais rígidas e resistentes.

Conceituação pessoal do numinoso:

Eu entendo como numinoso a experiência ou estado relacionado a uma vivência transcendente, que possibilita a ampliação da consciência. Estado este, que leva à vivência de totalidade existencial, de êxtase primordial em cada ser. Imagino que

além disso, seja uma experiência que faz emergir conteúdos do inconsciente, ou que facilita a conexão consciente-inconsciente.

Anexo II

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO: ESTUDOS JUNGUIANOS**

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, de 10 de outubro de 1996)

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome do
participante:.....
Documento de identidade
nº.....
Data de nascimento...../...../.....
Endereço:.....nº.....
.....
Complemento:.....Bairro.....
.....
Cidade:.....CEP.....
.....
.....Telefone: (.....).....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

Título do protocolo de pesquisa: **JUNG, CORPO E RELIGIOSIDADE: a Calatonia como uma Síntese**
Pesquisadora: MARILENA DREYFUSS ARMANDO
Profissão: Psicóloga
Inscrição no Conselho Regional nº 06/5963
Avaliação do risco da pesquisa:
SEM RISCO RISCO BAIXO RISCO MÉDIO

III - REGISTRO DAS ESPLICAÇÕES DA PESQUISADORA AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como título: **Jung, Corpo e Religiosidade: a Calatonia como uma Síntese**. Essa pesquisa está sendo realizada para verificar a possibilidade de a Calatonia facilitar o contato com o numinoso.

Para a coleta de dados serão utilizados 05 instrumentos:

- Entrevista semi-dirigida
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Entrevista e Publicação
- Aplicação da Calatonia
- Relato escrito dos participantes após passarem pelas sessões de Calatonia
- Conceituação do numinoso por escrito

Após o estudo de suas respostas poderemos avaliar se a Calatonia pode ser um elemento facilitador para o contato com o numinoso. Seu nome jamais será divulgado.

Anexo II

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELA PESQUISADORA SOBRE GARANTIAS DO PARTICIPANTE DA PESQUISA;

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

V - INFORMAÇÕES DE NOME, ENDEREÇO E TELEFONE DA RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO CASO NECESSITE

Pesquisadora: MARILENA DREYFUSS ARMANDO
Endereço: Rua Cel. Artur de Godoi, 45
Telefone: 5084-5111

e-mail: maridrey@terra.com.br

VI – OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Os resultados desta pesquisa estarão disponíveis, aos participantes, a qualquer Momento, bastando para tanto contatar a pesquisadora e agendar data e horário.

VII – CONSENTIMENTO

Recebi, li e entendi a Folha de Informação do Paciente para a pesquisa acima. Também recebi uma explicação adequada sobre este estudo clínico, seus propósitos, riscos e sobre meus direitos como participante. Eu tive a oportunidade de fazer perguntas antes de tomar qualquer decisão.

Sei que a decisão de tomar parte deste tratamento é só minha e que tenho o direito de mudar de idéia a qualquer momento.

Também entendi que o acesso às informações relevantes a partir de meu relato poderá ser solicitado como parte da pesquisa e que os dados reunidos durante o mesmo poderiam ser verificados pelas Autoridades de Saúde, de acordo com a atual legislação. Estou certo de que não serei identificado a partir dos dados coletados e que todos estes serão processados com o máximo de confidencialidade.

Com base nisso, autorizo minha participação nesta pesquisa.

Declaro que após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar da presente pesquisa.

São Paulo, de de 2005.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Anexo III